

COM A PALAVRA, AS JUVENTUDES BRASILEIRAS

Narrativas de jovens sobre a escola e a
universidade nos tempos de pandemia da **Covid 19**

Silvana Soares de Araujo Mesquita
Juaciara Barroso Gomes
(Organizadoras)

Prefácio: Paulo Carrano



**COM A PALAVRA,
AS JUVENTUDES BRASILEIRAS!**
Narrativas de jovens sobre a escola e
a universidade nos tempos de
pandemia da Covid 19



Pedro & João
editores

**Silvana Soares de Araujo Mesquita
Juaciara Barroso Gomes
(Organizadoras)**

**COM A PALAVRA,
AS JUVENTUDES BRASILEIRAS!
Narrativas de jovens sobre a escola e
a universidade nos tempos de
pandemia da Covid 19**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Silvana Soares de Araujo Mesquita; Juaciara Barroso Gomes [Orgs.]

Com a palavra, as juventudes brasileiras! Narrativas de jovens sobre a escola e a universidade nos tempos de pandemia da Covid 19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 142p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-265-0317-1 [Impresso]
978-65-265-0380-5 [Digital]**

1. Juventudes brasileiras. 2. Narrativas de jovens. 3. Escola e Universidade. 4. Tempos de pandemia da Covid-19. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajéu – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajéu (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

A todos os jovens que viveram suas
juventudes nas escolas e nas universidades no
contexto de Pandemia da Covid-19

Sumário

Apresentação	11
Prefácio Paulo Carrano	21
1. Confissões de uma adolescente na pandemia Ana Clara de Andrade Silva	29
2. Meu país das “maravilhas” Ana Luisa Antunes Gomes	35
3. Ensino médio na pandemia: as lacunas que não serão preenchidas Aisha Medeiros	39
4. Meu mundo na pandemia! Aysha Gabrielle	43
5. Covid 19, o renascer Fernanda Maria de Melo Dutra	51
6. Narrativa do ensino médio na pandemia Guillermo Dutra	55
7. Relato de experiência Henrique da Costa Coelho	63

8. Uma jovem diante da pandemia	65
Isabela Silveira	
9. Minha vida em tempo pandêmico	71
Isaías Justino Delfino	
10. A escola do ensino médio em tempos de pandemia	77
Juliana Race	
11. Experiência na escola em tempos de pandemia	79
Lucas Matheus de Oliveira da Silva	
12. Desamparo com estudantes durante a pandemia da Covid-19	87
Maiza Coelho	
13. Diário de uma pandemia	91
Mariana Ferreira	
14. A pandemia e os desafios do estudante e profissional da educação	95
Marylian Mello Rodrigues de Souza	
15. O que aconteceu?	103
Phelipe Esteves	
16. O desespero e a tranquilidade	111
Raquel dos Santos Silva	

17. Tempos de pandemia	115
Samuel do Nascimento Carola	
18. “Dando um jeitinho”: vivendo o ensino médio pandêmico	121
Sofia Lins Moreira	
19. O preço da distância	127
Yasmin Figueiredo da Silva	
20. Vencendo a Pandemia	131
Yuki Portes Almeida Ehms de Abreu	
As autoras e os autores	135

Apresentação

A juventude é um período da vida dos humanos difícil de definir, além de ser repleta de desafios, tensões, mudanças e expectativas, pois se encontra entre a infância e a fase adulta. As descobertas vão enfraquecendo a inocência, as mudanças hormonais e emocionais vão provocando as tensões, interferindo na vida social, que engloba dimensões culturais e acadêmicas. Os jovens pobres e periféricos ainda se deparam com a violência social, que, para essa faixa etária, é mais constante e ameaçadora.

É nesse período que a maioria deles está cursando o ensino médio ou ingressando no ensino superior, quando enfrentam uma forte pressão, uma vez que precisam fazer escolhas sobre o futuro, idealizar seus projetos de vida pessoal e profissional. São juventudes, no plural, múltiplas e diversas, que adentram esses espaços institucionais, carregando suas diferentes culturas, lógicas, ideologias e realidades econômicas e sociais.

Os jovens que estão cursando o ensino médio atravessam diferentes possibilidades de planejar e viver a vida, pois é um momento que vai muito além de uma passagem para vida adulta. Envolve oportunidades de socialização com os pares, de se conhecer como indivíduo, de interagir com diversas culturas, de escolher caminhos e de ensaiar possibilidades. Será que tais diversidades e multiplicidade de possibilidades de vida são incentivadas nos processos educacionais destinados para essa fase da vida?

No Brasil, uma grande parte dos jovens está às voltas com o Enem e com a escolha da carreira que deseja seguir ou com o impacto do processo de entrada em um curso de nível superior, ainda com muitas dúvidas sobre seus projetos de vida. Entre os anos de 2020 e 2021, auge da Pandemia do Covid 19, milhares de jovens passaram por essa experiência, porém somados ao cenário de isolamento social e ensino remoto. Pensar, e até mesmo ter que decidir, um futuro ainda tão distante e abstrato, em fase tão tenra da vida e em condições juvenis diversas, é com certeza um dos maiores desafios para a juventude.

Soma-se a isso o fato de que muitas dessas decisões são marcadas pela forte “desigualdade de oportunidade” (DUBET, 2012), seja educacional, social e/ou econômica, que predomina na sociedade brasileira. Diante disso, destaca-se que, para muitos jovens de classe popular, o ingresso no mundo do trabalho começa logo após o término do ensino médio, ficando a entrada no ensino superior em segundo plano. “A escolha do possível”, parafraseando Bourdieu (1998), é o que direciona os projetos de vida de grande parte da juventude brasileira.

Essa construção social e cultural, quase obrigatória, de decidir o futuro profissional, desconhecendo ou anulando as aspirações do próprio jovem, é muitas vezes produzida pelo modelo hegemônico da sociedade industrial e burguesa. Tal cenário provoca, ainda mais, uma intensa descarga de emoções sobre as juventudes que ainda estão consolidando suas personalidades e identidades.

Acredita-se que nenhum período da vida humana é tão singular e sujeito a transformação como esse. Para Bourdieu (1996), a juventude é apenas uma palavra. No entanto, se somos sujeitos de palavras e constituídos por

ela, como nos diz Larrosa (2002), há que se complexificar tudo o que essa palavra nos diz, todas as suas implicações históricas e culturais. Isso nos leva a pensar especialmente, em quem são os jovens do século XXI? Que práticas e crenças carregam? Quais são suas expectativas em relação à fase adulta? Como compreendem o contexto social e como se envolvem com ele? Como enfrentaram o afastamento da escola, em função do período pandêmico, e como se relacionaram com ela? Dar a palavras a esses jovens é a proposta deste livro, pois se aposta que esse pode ser um caminho de os reconhecer realmente como “sujeitos de direito”, como nos aponta Novaes (2009), e se alicerça no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

Não há como negar que todos nós vivenciamos uma ruptura severa em nossas vidas e em nosso cotidiano, desde março de 2020, quando o mundo foi literalmente “atropelado” e “invadido” por uma pandemia ocasionada pelo vírus Sarcos-19 trazendo a doença conhecida como Covid-19. Milhares de jovens viram suas vidas se modificarem drasticamente de uma hora para outra. Paralisaram as aulas, as festas, os encontros, os flertes e namoros. A vida passou a ser vivida pela Internet, de forma virtual. Embora os jovens fossem menos afetados pelas consequências da doença, no Brasil, mais de 22 milhões de pessoas foram infectadas até dezembro de 2021 e, aproximadamente, 630 mil perderam suas vidas (FIOCRUZ, 2022)

Esse cenário distanciou milhares de alunos da escola e da universidade, o modelo *on-line* ou remoto foi a possibilidade encontrada para que o ensino continuasse. Os espaços físicos das instituições educativas, como

tradicionalmente conhecemos, foram esvaziados, fechados, distanciados. Esses espaços de ensino-aprendizagem, mas também de encontros, perderam um dos seus principais sentidos e um dos mais valorizado pelos jovens (MESQUITA, 2018), o de lugar de socialização, de descobertas coletivas, de trocas de expectativas, de pertencimento, de toque, de proximidade.

A crise de sentidos, já apontada pelas juventudes que adentram o ensino médio e até mesmo a universidade, se intensifica para esse grupo social em tempos de pandemia e isolamento social. As desigualdades de oportunidades, muitas vezes esquecida ou silenciada, se evidencia para essa parcela da população, dessa vez de forma mais “escancarada”. Ficou claro que muitos jovens ficaram excluídos do sistema formal de educação, por não acesso de qualidade ao mundo virtual, sem equipamentos, sem pacotes de dados, sem Internet. A lógica dos “nativos digitais” (PRENSKY,2001) se mostrou falha, pois não foi garantido o acesso à escola ou à universidade, principalmente, diante da ausência de políticas públicas e ações efetivas que viabilizassem o acesso tecnológico necessário para as aulas remotas de todos os jovens do país.

Nesse cenário, nasceu a proposta desse livro, que tem como protagonistas os jovens, as suas palavras e as suas narrativas sobre o que viveram no contexto da escola e da universidade em tempos da pandemia do Covid- 19. Reunir essas “palavras juvenis” parece-nos uma forma de compreender, pela perspectiva do outro que experiencia, as suas relações com esses espaços institucionais acadêmicos e formativos. Nossa principal intenção foi trazer as vozes, as palavras, os sentidos e as percepções

advindas do viver e do contar de nossos protagonistas sobre esse momento singular.

Dessa forma, sugerimos aos jovens que mergulhassem em seus “eus”, que se virassem para dentro para pensar no fora, que pensassem narrativamente, como um desafio, para que fossem revelados os distintos contextos e vivências desse tempo pandêmico, tão inusitado e angustiante para todos nós.

Assim, a reflexão possibilitou a autoria, a palavra deu corpo e sentido as percepções, a história vivida virou história contada, o texto produziu o sujeito/escritor. Trazer a palavra dos jovens através do texto narrativo foi a forma que encontramos de capturar ao máximo os sentidos e significados atribuídos por eles a esse momento histórico. Nesse contexto, as subjetividades expostas trouxeram as histórias e os contextos de cada vida. Para Clandinin e Connelly (2015), a vida é sempre, necessariamente, um conto.

Trazer a história, o conto, as percepções e as emoções vivenciadas por esses jovens, de classes sociais, origens e lugares distintos é de fundamental importância para compreendermos esse momento e suas consequências. Entender a qualidade dessas experiências vivenciadas é fundamental para a compreensão de como esses sujeitos foram afetados e como se sucederão as novas experiências pós-pandemia. Para Dewey (1979 p.16), “A qualidade de qualquer experiência tem dois aspectos: o imediato, de ser agradável ou desagradável, e o mediato, de ser influência para experiências posteriores”.

Nesse contexto, vale indagar: Como foi ou será a volta para a escola/universidade? Continuaremos com o mesmo formato de educação? E as aulas, serão planejadas

e ministradas da mesma forma? Qual a expectativa dos nossos jovens? Mudou a importância atribuída à escola/universidade por eles?

É importante destacar que as narrativas aqui apresentadas revelam experiências diferenciadas, posto que foram produzidas a partir das escolhas de cada narrador, não houve nenhum roteiro ou proposta a ser seguida. São escritas por jovens de diferentes “culturas e condições juvenis” (DAYRREL; CARRANO; MAIA, 2014), cujas autobiografias se apresentam ao final deste livro.

Nesse sentido, a escrita de si nos trouxe as vivências em isolamento, as angústias das perdas e do medo, o significado da vida interrompida, os saberes adquiridos, as crenças, as dúvidas e as expectativas de cada um. Os relatos revelam que a história e as percepções nunca são iguais para as diferentes pessoas, que cada um atribui significados e valores ao vivido a partir de suas experiências anteriores. Assim, entendemos que relatos podem nos ajudar a compreender e, de alguma forma, “registrar” não somente os contextos individuais/singulares, mas também o contexto macro/universal, pois, na nossa compreensão, as particularidades compõem o tecido social. Para Gomes (2021, p.48),

[..]as narrativas fazem parte da história da humanidade, estando presentes nos diferentes contextos de nossa sociedade. Elas valorizam as experiências, tornando possível a constituição da história social de diferentes grupos e comunidades, colaborando dessa forma na construção do processo identitário de cada membro desses grupos. Daí, entendemos que as narrativas individuais compõem fio a fio as grandes narrativas históricas e globais.

Muito se produziu sobre os impactos da pandemia no trabalho das escolas, das universidades e dos professores, diversas didáticas novas, alternativas e insurgentes se evidenciaram no cenário educacional. Todavia, o quanto se ouviu dos jovens sobre essas experiências educacionais do ensino remoto? E, até mesmo antes desse cenário caótico, o quanto a juventude teve voz e vez de falar sobre suas formas de aprender? O quanto já se produziu de conhecimentos sobre as formas de dar sentido à escola e à universidade pela perspectiva dos jovens que as acessam? Talvez, para que se possa reunir elementos para construção e teorização de didáticas para juventude (MESQUITA, 2020), seja preciso perpassar por movimentos como esse, de reconhecer os jovens como sujeitos de direitos no próprio processo de ensino-aprendizagem.

O contexto pandêmico nos trouxe conflitos, eventos estressores, angústias e enfrentamentos, exigindo mudanças, adaptações e resiliência, além da necessidade de outros olhares para a escola e para o sistema escolar como um todo. São esses dilemas que encontramos nas narrativas aqui apresentadas, de forma tão artesanal e verdadeira, pelos nossos jovens. Para nós, aqui podem ser encontradas as pistas para que experiências educativas mais ricas e produtivas possam estar ao alcance dos jovens. Para Passegi (2020), a legitimidade das vozes dos jovens evidencia os desafios para se compreenderem suas visões de mundo e seus contributos para o conhecimento científico.

Assim, entendemos que o valor das narrativas está em trazer luz à palavra, sentimentos e significados da juventude, de forma que aqueles que se interessam pelo

estudo dessa temática possam encontrar um material rico de significados para os seus estudos e reflexões.

Referências

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. *Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

AYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Organizadores). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.

DUBET, F. Os limites da igualdade de oportunidade. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, v. 2, n.2, p.171-179, dez. 2012.

FIOCRUZ. *Boletim COVID: balanço de dois anos de pandemia*. Observatório da COVID 19. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/boletim-covid-balanco-de-2-anos-da-pandemia>. Acesso em Janeiro de 2022.

OMES. Juaciara Barrozo. O curso de pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Campus Seropédica, em questão: narrativas e percepções de seus egressos. *Tese de Doutorado*. PUC-Rio. Dezembro de 2021.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*: Rio de Janeiro. 2002.

MESQUITA, Silvana Soares de Araujo. Elementos da didática para a juventude. *Revista Portuguesa De Educação*: Minho, v.33, p. 200 - 225, 2020.

MESQUITA, Silvana Soares de Araujo. *Professor, ensino médio e juventude: entre a didática relacional e a construção de sentidos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Numa Editora, 2018.

NOVAES, Regina. Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos Juventude, juventudes. *Revista de Ciências Sociais*: Fortaleza. XXII / Nº 25, 2009.

PASSEGLI, Maria da Conceição. Projetar-se no amanhã: condição biográfica e projeto de vida no novo ensino médio. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*: Salvador. v. 5 n. 15, 2020.

PRENSKY, Marc. Digital natives digital immigrants. In: PRENSKY, Marc. *On the Horizon*. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001.

Prefácio

Jovens narram a pandemia de Covid-19 entre o ensino médio e o início da vida universitária

Paulo Carrano¹

O que, de início, parecia ser uma prorrogação das férias escolares revelou-se um verdadeiro desafio existencial, que se prolongaria por mais de dois anos e viria a deixar marcas profundas na geração de adolescentes e jovens no trânsito entre o ensino médio e o início da vida universitária. As "férias extras", "férias frustradas", um período curto de descanso, algo provisório, tal como estudantes definiram, tornaram-se um novo modo de vida; vida *on-line*, desafiando os parâmetros de existência e de organização da vida cotidiana.

A pandemia de Covid-19, que, no Brasil, coincidiu com o início do calendário escolar do ano de 2020, pegou a todos de surpresa. E foi agravada por todo tipo de irresponsabilidade, negligência e negação das boas informações e práticas científicas e de saúde promovidas pelo governo do ex-presidente da República Jair Bolsonaro e seus apoiadores. Em seus relatos, jovens dão notícias de que o negacionismo antivacina, propagado pela extrema-

¹ Paulo Carrano é doutor em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da UFF. Coordenador do Grupo de Pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF. Pesquisador Produtividade do CNPq.

direita no poder federal, produziu em suas famílias desconfianças e incertezas. Medo, insegurança, ansiedade, mas também aprendizagens em contexto desafiador.

Jovens demonstram reconhecimento pelos esforços realizados pela ciência no combate ao vírus e desenvolvimento de vacinas. Uma das estudantes narradoras dessa coletânea diz ter vivido a experiência da morte e revela suas desconfianças em relação às mensagens e medidas governamentais relacionadas com a vacinação e o isolamento social. Não é fácil ser jovem em tempos de incerteza, de disseminação de notícias falsas, negacionismo científico, viver a juventude com medo e ainda não poder confiar no governo.

Instituições educacionais precisaram enfrentar os desafios pedagógicos, humanos e tecnológicos de seguir na inusitada situação de um corpo ausente que aprende com aulas *on-line*; docentes se viram desafiados a dominar a arte de ensinar em ambientes digitais, adquirir equipamentos e enfrentar a nova arena de relacionamentos educativos, mediados pela "telinha" de computadores e *smartphones*; famílias viram salas e quartos transformadas em salas de aula, compartilhadas com os espaços e tempos cotidianos da casa.

Os estudantes viveram todos esses desafios como alteração de um momento especial de suas vidas, em que os encontros, a sociabilidade, a liberdade de circulação pela cidade, o cultivo de amizades e mesmo a corpórea relação com seus professores pode ser decisiva para relações positivas com o saber.

É muito bem-vinda esta coletânea de narrativas de jovens estudantes do ensino médio e da universidade, que contam suas experiências com o ensino e a vida

alterada em tempos da pandemia do Covid-19. Sabemos de nossa dificuldade de adultos em ouvir, de maneira atenta e sincera, sem julgamentos ou pré-noções, aquilo que crianças e jovens têm a nos dizer. Uma escola, ou universidade, para se manter viva entre seus estudantes, necessita dialogar com suas experiências e sentidos de presença na instituição. E isso se torna ainda mais relevante em contextos de profundas alterações da ordem das interações sociais cotidianas, tal como foi o período de isolamento social provocado pela pandemia.

A sociabilidade corpórea deu lugar às mediações digitais. A dependência dos aparatos computacionais e de comunicação escancarou a desigualdade de acesso ao conhecimento. Estivemos diante de uma nova e desafiadora situação de ensinar e aprender *on-line* para professores e estudantes.

E tudo isso diante da precariedade de equipamentos e conexões que atingiu fortemente estudantes e professores de menor poder aquisitivo. Há relatos nesta coletânea que revelam o despertar de uma consciência de classe frente às assimetrias de condições para se viver a situação da pandemia. Algo que se poderia identificar com a emergência de uma perspectiva ecológica e social diante dos ensinamentos que a convivência com vírus nos proporcionou.

Sem desconsiderar, contudo, a necessidade de intensificar processos de aprendizagens escolares e apresentar conteúdos que possam ter sido sacrificados durante a pandemia, precisamos indagar também, em sentido existencialista, aos jovens, sobre o que eles fizeram com aquilo que a pandemia fez com eles e elas. Que aprendizagens puderam arrancar da inesperada

sociabilidade pandêmica, que afetos teceram e que desafios superaram individual e coletivamente?

Esta coletânea não tem a pretensão de representar toda a experiência escolar pandêmica, porém, possui o mérito de ter conseguido compilar sinceras e lúcidas respostas à provocação de suas organizadoras, sobre como esses jovens estudantes superaram o desafio de aprender em condições de isolamento social e afastamento do ambiente escolar. Pode-se dizer que, em algumas narrativas, expressa-se a sensação de que a pandemia roubou parte da experiência de ser adolescente.

Ao redigirmos um prefácio, precisamos domar o impulso de descortinar aquilo que a obra comunica. De toda forma, antecipo aqui alguns dos sentidos que esses e essas estudantes trouxeram como tradução de suas experiências na pandemia.

Ana Clara, 15 anos, conta da dificuldade com que se deparou para se concentrar no ensino remoto. Revela que sofreu com o rompimento dos vínculos com o isolamento social e nos conta da alegria que sentiu com o retorno presencial, ainda que com o incômodo do uso da máscara. E também como foi a descoberta do prazer de aprender física. Ana Luísa indaga: como se preparar para o Enem em isolamento social e sem aulas presenciais? E o que dizer da difícil experiência de ficar longe da escola e das pessoas e da falta que fizeram os abraços?

Estudar em casa pode significar também o caminho da dispersão. Dificuldade agravada quando não se tem um espaço próprio para estudar em casa. E com o ensino remoto, veio também a sobrecarga de trabalho escolar, relato recorrente entre os estudantes. A escolarização no isolamento social levou alunos a reinventar o cotidiano e

criar novas rotinas. O *notebook* e o telefone foram alçados à condição de novos materiais escolares. A pandemia foi também momento de intensificação das trocas *on-line* através de aplicativos de mensagens e jogos. Os jovens relatam o cansaço da vida *on-line* e a saturação da interação através das telas dos aparelhos.

A jovem Aysha sente que a pandemia interrompeu o processo de aprendizagem da independência que havia começado a conquistar, com a passagem de nível do ensino fundamental para o ensino médio. Fernanda sentiu no corpo as consequências da contaminação e das sequelas da Covid-19. Reconhece que a pandemia trouxe sequelas, experiências dolorosas, mas que criou também resistência e nos tornou mais fortes. A organização dos testes *on-line* representou um aprimoramento em relação ao presencial. No lugar da fragmentação dos testes diários por disciplinas, uma semana inteira para fazer blocos por áreas, um estudante avalia positivamente a experiência.

Importante dizer que os relatos revelam que as experiências de aprendizagem *on-line* foram plurais. Nem sempre difíceis, nem sempre felizes. Um estudante destaca como o *on-line* foi confortável para ele quando comparado com o presencial. Encontrou mais tempo para realizar as provas em casa e ainda teve a satisfação de não ter de conviver com colegas de escola que "implicavam" com ele.

O isolamento também foi a oportunidade de nutrir afetos e conhecer melhor a mãe, em quem aprendeu a confiar durante a pandemia, revela uma das jovens narradoras. E foi também nesse período de isolamento social, que uma outra jovem aprendeu a conhecer seu próprio corpo e se redescobrir sexualmente, tal como relatou.

É preciso destacar as nuances significativas entre as idades e os diferentes momentos da trajetória escolar. Os depoimentos dos estudantes dão notícias dessas distintas temporalidades entre a passagem de nível que representa o primeiro ano do ensino médio, seu leque de novas experiências escolares a vivenciar, e o terceiro ano, situação limite da maioridade e da necessidade de decidir sobre o futuro profissional.

Nesta coletânea, estudantes narram histórias sobre os diferentes momentos da pandemia. O encontro inicial com o inesperado, a necessidade de reorganizar cotidianos e refazer as interações sociais em contexto de isolamento social e a retomada da vida em copresença, já sem o isolamento social. O longo período de isolamento deu lugar ao novo desafio de recompor a ordem das interações sociais corpóreas e presencialmente, ainda sob o signo do risco do contágio, mesmo com a proteção vacinal.

A leitura dos relatos deixa evidente que um “novo eu” nasceu nas condições de experimentação da vida na pandemia. Ter aula no “conforto do lar” é uma expressão que pode ser enganosa. Nem sempre o lar é um local de conforto e tranquilidade para a realização das tarefas escolares, participar de aulas, estudar e realizar trabalhos para as disciplinas.

Estudantes relatam profundas alterações na relação com o saber. Em especial, a dificuldade de reter conteúdos que, diante da experiência remota, se multiplicaram e nem sempre expressaram um trabalho articulado entre professores, algo que resultou em sobrecarga e mesmo justaposição. São críticos, assim, aos processos pedagógicos e dispositivos criados para o ensino remoto que, ainda que bem intencionados, criaram dificuldades

para que acompanhassem as atividades em suas casas. Mas também reconheceram o esforço dos professores para construir ambientes e estratégias de acolhimento na nova realidade educacional que a todos se impôs.

A pandemia, ao desorganizar os cotidianos, produziu abalos na saúde mental. Alguns jovens escrevem como se estivessem lançando uma garrafa ao mar com um bilhete com suas aprendizagens pandêmicas para as futuras gerações que possam vir a ter de enfrentar semelhante situação.

Foi também tempo de oportunidade para jovens intensificarem relacionamentos com seus familiares. Tomar café da manhã, almoçar e jantar com os pais, irmãos e outros parentes, assistir a séries de TV, jogar *on-line*, conversar sobre leituras e gerenciar novos conflitos nascidos da convivência intensificada. Enfim, aprendizagens pandêmicas também no plano da sociabilidade familiar. Nesse espaço-tempo alterado pelo isolamento social, lazer, estudo e trabalho foram comprimidos no quarto do jovem ou mesmo na sala de estar, quando a condição de classe não permitia o território de maior independência do quarto próprio na casa.

Uma das narradoras desta coletânea sintetiza as etapas de implementação do ensino remoto, tal como percebeu. A primeira teria sido a fase de improviso, um tipo de reorganização do cotidiano escolar no “susto”, um “puxadinho”, descreveu espirituosamente. Um segundo momento teria sido o da estruturação das atividades *on-line*, mas também ocasião de saturação de conteúdos “em busca do tempo perdido”, como forma de superar lacunas deixadas pelo ensino remoto.

A vida no isolamento social e o trabalho escolar, em especial, foram definidos como uma repetição permanente; o reino da monotonia que não abria espaço para o novo e para acontecimentos surpreendentes que a copresença costuma proporcionar.

Há, em linhas gerais, nesta coletânea, a percepção de que a pandemia e o conseqüente isolamento social representaram a interrupção de rituais importantes para os relacionamentos. Diante do vazio das experiências da vida *on-line*, impôs-se a necessidade de reinvenção de novos rituais.

A vida escolar e a experiência do campus universitário renascem com o reencontro e a renovação do ânimo de estudar, quando o risco do contágio se atenua sob o efeito civilizador das vacinas, e o retorno do ensino presencial se torna novamente possível. Os jovens desta coletânea atualizam, com suas narrativas, a máxima poética de que a vida é a arte do encontro, apesar do desencontro que a pandemia nos impôs.

Confissões de uma adolescente na pandemia

Ana Clara de Andrade Silva

Primeiramente, gostaria de me apresentar: chamo-me Ana Clara de Andrade Silva, tenho quinze anos. No início da pandemia, em 2020, eu morava na Taquara, na cidade do Rio de Janeiro e, no meio da pandemia, em 2021, me mudei para Cabo Frio/ RJ.

Vou contar para vocês um pouco sobre a minha experiência escolar durante a pandemia. Tudo começou em março de 2020, quando falaram que teríamos que ficar quinze dias em casa. por conta dos casos de covid-19. Até aí, achei bem legal ter um tempinho para ficar em casa, sem ter que acordar cedo. Mas se passaram quinze dias e recebemos um comunicado que esses dias seriam prolongados e que iríamos começar a ter aulas *on-line*, para que não ficássemos sem aula. E a partir daí, começamos a ter aulas pelo Meet.

Posso dizer que foi um pouco desafiador para me acostumar, porque não é igual a acordar, arrumar-se e ir andando para a escola. Eu acordava cinco minutos antes da aula começar, ligava o computador e era só clicar no *link*. Esse tempo não era suficiente para eu despertar; então, algumas vezes, eu cochilava durante as aulas e outras, eu despertava com a chamada, achando que estava sonhando. Mas esse foi apenas um dos desafios.

Na hora de aprender também foi muito difícil, porque a concentração não é a mesma quando se está em

casa. Porém, essa não é a única coisa ruim; às vezes, o áudio do professor ficava travando ou parava de sair, aí o professor tinha que sair da sala de aula, religar o computador. Nisso se passavam, pelo menos, vinte minutos de aula e, algumas vezes, os professores só voltavam para fazer a chamada e liberarem a turma.

Fazer trabalho em grupo à distância foi muito desafiador, porque não conseguíamos nos reunir em “live” para fazer o trabalho. Então, decidimos que cada um faria uma parte e juntaríamos, mas ninguém enviava, e eu tinha que ficar cobrando, pois estava chegando a data da apresentação. Vocês acham que acabou por aí? Não. Chegava o dia da apresentação, e a pessoa não aparecia na aula, alegando que a Internet estava ruim, ou que estava sem Internet, ou então não ligava a câmera. Quando a pessoa não aparecia, sobrava para mim, e eu tinha que apresentar todo o trabalho sozinha. Isso me deixava muito chateada, porque ainda tomava bronca da professora pela falta do participante, pela desorganização e pela falta de comprometimento do grupo.

Sobre a prova *on-line*, eu gostei, porque acho que assimilei muita coisa pesquisando e lendo para encontrar a resposta. Ao mesmo tempo, acho que isso me deixou muito acomodada, por não precisar estudar antes para a prova, porque eu sabia que poderia consultar e não precisaria pensar para responder.

Pena que isso não se aplicava a todas as matérias, matemática e português, por exemplo, não adianta você poder consultar sem estudar. Algumas vezes, tive dificuldade e sofria bastante para entregar trabalhos e a prova de produção de texto, porque não aceitava qualquer tipo de arquivo. Aí eu tinha que chamar meu pai

para ajudar, porque eu não sabia como mudava o tipo de arquivo que eu queria enviar.

Graças a Deus, eu consegui passar pelo meu primeiro ano na EAD bem. Minhas notas foram boas, e consegui passar por todos os desafios que me foram dados, então, fiquei muito feliz.

E depois disso, tudo veio nono ano. Juro que me perguntei: Como eu consegui chegar até aqui? Foi tudo muito rápido. Tivemos que nos acostumar com algo que era muito novo. Para ser bem sincera, eu não sabia que o Google tinha tantas ferramentas que poderiam ajudar os estudantes, como eu, nesse momento em que fomos submetidos a esse novo jeito de estudar.

Em 2021, me mudei-me para Cabo Frio e, conseqüentemente, mudei de escola. Ainda bem que a plataforma de estudo utilizada pela escola era bem parecida com o *Google Classroom*, e foi bem tranquilo para mim. O meu nono ano começou *on-line*. Eu já estava acostumada, então, dessa vez, foi muito mais fácil ficar acordada em todas as aulas. Também não tive problemas para mandar os meus trabalhos para os professores.

Depois de um tempo, recebemos um recado de que, a partir do dia sete de abril de 2021, poderíamos escolher entre ficar *on-line* ou ir para presencial. Claro que a escola e os alunos estariam tomando todos os cuidados para que ninguém pegasse covid-19, mas fiquei muito feliz em poder voltar para a escola, porque em casa eu não conseguia me concentrar e prestar muita atenção.

Meu primeiro dia na presencial foi fantástico: consegui entender tudo, adorei os professores, adorei a escola nova, arrumei minhas primeiras amigas. Ainda tinha muita gente para conhecer e minhas expectativas

estavam muito altas para esse ano. Além disso, havia matérias novas como física, química e biologia. Para minha surpresa, nessa escola, todos lembravam da matéria que havia sido dada no ano anterior, e isso me motivou muito a querer dar o meu melhor nesse retorno às aulas presenciais.

Eu não posso dizer que sou boa em matemática, mas me apaixonei por física de tal forma, que achava a melhor matéria do mundo, enquanto matemática continuava sendo um bicho de sete cabeças.

Eu mudei de turma e conheci pessoas maravilhosas. As aulas estavam sendo excelentes, os professores eram bem legais. Eles tinham um jeito especial de dar as aulas, de forma que todos os alunos, presenciais e *on-line*, entendessem bem a matéria. Mesmo tendo aulas presenciais, os nossos trabalhos e prova eram feitos *on-line*, para que ninguém ficasse em desvantagem. Isso foi muito bom para mim, porque eu ficava muito mais calma na hora de fazer a prova ou trabalho, e o silêncio em casa me ajudava a me concentrar durante as provas.

Eu confesso que, no começo, era horrível ficar de máscara das sete horas da manhã até meio dia e trinta, mas depois de um tempo, eu até esquecia que estava com a máscara e não me incomodava mais. Quando eu ficava doente, tinha que assistir à aula *on-line* para não passar para ninguém. Quando minha asma atacava, eu também precisava ficar em casa, porque usar a máscara estava fora de cogitação. E eu odiava ficar *on-line* porque a presencial era muito mais divertida: a gente zoava, brincava, fofocava etc.

A aula de educação física era chata, porque a gente só fazia alongamento por conta do distanciamento social,

então, foi quase o ano todo sem jogar queimado. No último dia de aula, o diretor liberou a quadra para jogarmos queimado, pois todos os alunos já haviam tomado a vacina, e foi muito divertido. Inclusive fizemos uma confraternização da minha turma, e cada um levou uma coisa: salgadinho, pavê, bolo, refrigerante, brigadeiro, sorvete e torta de limão. Também colocamos música, jogamos, dançamos e nos divertimos. Foi um dia incrível, pois estávamos comemorando o término do ensino fundamental II e meu aniversário de quinze anos.

E assim foi mais um ano letivo, cheio de aventuras, desafios, diversão e aprendizados com professores maravilhosos, muito atenciosos e pacientes. Este ano, 2022, entrei no ensino médio. Quando as aulas começaram, ainda tínhamos que usar máscara, passar álcool em gel e respeitar o distanciamento, mas não deixei isso me desanimar, pois eu estava muito animada. Era o ensino médio, algo que eu esperei por muito tempo.

Eu comecei a estudar em escola pública e só consegui vaga à noite. No início, eu achei legal, mas depois bateu saudade de estudar de manhã e, no final de abril, eu consegui a transferência para o turno da manhã e encontrei vários amigos do nono ano nessa escola.

Para a felicidade de muitos, no início do mês de abril, o governo de Cabo Frio liberou ficar sem a máscara. Agora, tudo voltou ao normal e espero que fique assim.

Meu país das “maravilhas”

Ana Luisa Antunes Gomes

O ano de 2020 começou muito bem para mim. Era o meu terceiro ano da escola e como é de praxe, tanto eu quanto meus colegas de classe estávamos muito animados. Nossa turma era bem pequena – com 14 alunos – e estudávamos juntos há um bom tempo. Então, as aulas eram bem legais, os professores muito bons e prestativos, aprendíamos com leveza e tranquilidade. Como era ano de Enem, e dessa vez era pra valer, o foco foi estudar conteúdos que mais caíam, com discussões e debates em sala. Tudo estava se encaminhando, até que, em um belo dia, recebemos a notícia de que, por conta de um vírus, as aulas deveriam ter que parar por um tempo.

A princípio, a necessidade do isolamento social não me preocupou muito, já que, na minha cabeça, seria uma coisa que duraria pouco tempo e logo tudo iria voltar à normalidade (coitada da Ana do passado, tão ingênua).

No início, não tinha aulas *on-line*, e, como achava melhor esperar as coisas voltarem para continuar meus estudos, passava meus dias lendo livros e assistindo às séries. Uma das histórias que li foi a da “Alice no País das Maravilhas”, uma história fantástica que comecei a conectar com a minha vida: eu era uma Alice, vivendo em um novo mundo, que mais parecia um sonho (estava mais para um pesadelo) do que a realidade. Assim como ela, também estava perdida tentando me encontrar, mas,

diferente do país que ela visitou, o meu estava longe de ser uma maravilha, cheia de notícias de mortes, pessoas doentes, a covid chegando na minha cidade e nada de aulas voltarem.

Quando as escolas perceberam que a nova realidade era a do isolamento social, as aulas voltaram a acontecer de maneira *on-line*. A maioria dos professores não sabia como lidar com aulas virtuais e nem como se organizar, mas, como tinha aulas de redação fora da escola e minha professora do curso começou a usar o Google Classroom e o Meet, tive a ideia de conversar com os docentes da instituição de ensino para usarem esses aplicativos também. Eles aceitaram e foi bem difícil, pois alguns não entendiam bem como funcionavam os aplicativos. Tive – junto com meus colegas – que os ensinar a usar.

Aos poucos, a escola foi se habituando a nova situação e as aulas passaram a ser organizadas como as presenciais, iniciavam às 07h e terminavam às 11h45. No começo, estava super dedicada e me esforçando bastante, afinal, queria aprender tudo direito para fazer um bom Enem. Contudo, com o tempo, as aulas estavam ficando muito cansativas.

Eu tinha que ficar na frente da tela por muitas horas e não estava aguentando mais; meu computador - que não era muito bom - travava, às vezes a conexão falhava e não conseguia compreender direito o que o professor explicava; mesmo tentando ficar focada, tinha dias que ouvia tudo, mas parecia que meu cérebro não processava nada. Os professores se esforçavam bastante, mas ninguém estava acostumado com essa situação.

Foram dias bem difíceis, a perspectiva para o ano era muito boa e acabou que não consegui fazer aquilo que

pretendia. Estava planejando estudar bastante para conseguir uma boa nota no Enem e passar para uma faculdade, mas, com o tempo, tudo o que queria era que o terceiro ano acabasse logo. Fazia meus trabalhos, provas e entregava as atividades, mas não estava mais entusiasmada.

Depois de um tempo, comecei a me sentir culpada por não estar conseguindo render tanto, tentava estudar para Enem, mas meus estudos não estavam fluindo tão bem. Tinha dias que conseguia estudar, outros que não. O Enem ia ser cancelado, depois ia ser adiado, e todas essas informações só me desmotivavam mais. Eu estava exausta de ficar em casa e não poder sair, e o fato de não conseguir estudar me deixava ainda mais culpada. Eu parava para pensar que tinham pessoas doidas para ter condições de estudar com os materiais e recursos que eu tinha e não possuíam essa oportunidade, e eu, ali, tendo Internet, computador e livros didáticos, e simplesmente não estava conseguindo fazer tudo que poderia.

O final do ano letivo foi marcado pelo estresse acumulado, tanto para mim quanto para os meus colegas, pois eram muitas provas e trabalhos para concluir, Enem chegando, nenhum vislumbre de que a situação ia mudar e a ideia de que um ano inteiro foi perdido; um ano em que tínhamos tanto a construir, um ano que seria divertido e especial, um ano de conclusão de um ciclo muito importante, que, no fim das contas, foi encerrado por uma reunião no Zoom.

Foi um ano, em que, apesar de todos os desafios, eu aprendi muito, não necessariamente as questões acadêmicas (porque na parte de conteúdo, foi um fracasso), mas de vida mesmo. Foi o ano em que percebi

como é importante dar valor às pequenas coisas; nunca pensei que sentiria tanta falta de estar ao lado dos meus professores, de ter aulas presenciais (até as mais chatas), de poder abraçar meus colegas. Por muito tempo, eu pensava na escola como um lugar para aprender conteúdos e matérias – algumas que eu nem considerava tão importante –, mas percebi que ela é muito mais que isso. Sem poder estar na escola, eu me sentia vazia, porque, nela, eu convivia com as pessoas, aprendia a respeitar as ideias diferentes, ouvia as experiências de vida dos meus professores, eu socializava, me divertia e me construía enquanto ser humano. Tudo isso ficou evidente para mim, quando não pude mais estar lá.

Acredito que a parte mais difícil do ano letivo para mim, não foi nem a questão de não entender os conteúdos acadêmicos (ok, isso também), mas, sim, o fato de não poder estar fisicamente perto dessas pessoas, que, durante muitos anos, de forma direta ou indireta, contribuíram para eu ser quem sou.

Ensino médio na pandemia: as lacunas que não serão preenchidas

Aisha Medeiros

Me chamo Aisha, tenho recém-completos 18 anos e curso o 3º ano do ensino médio, na mesma escola em que cursei o 1º ano do fundamental e todos os anos, em sequência, até aqui. Basicamente, o colégio era o único lugar que eu frequentava - além da minha casa - e onde construí todas as minhas amizades, ou seja, foi o cenário das minhas mudanças e aprendizados, o lugar em que desenvolvi minha identidade.

Tendo isso em mente, sigamos para o contexto pandêmico. Quando tudo começou, preciso dizer, comemorei aliviada os 15 dias em casa. Isso porque, na semana seguinte, haveria um teste de química, no qual eu, com certeza, não me sairia bem. O ano letivo já havia começado de forma conturbada para mim, pois estava sentindo, logo de início, dificuldade em certas disciplinas e não estava lidando bem com isso. Com o passar do tempo, eu só fui, inconscientemente, me afastando da escola e perdi completamente o ânimo de assistir às aulas. Digo que perdi, porque eu sempre gostei de ter aula, da troca entre os alunos e os professores e toda aquela atmosfera da sala de aula que não existia dentro do meu quarto com o computador no colo.

Em contrapartida, tudo parecia diferente para as pessoas nas redes sociais. Todos pareciam tão produtivos, fazendo desse período em casa uma forma de colocar tudo em dia, estudar mais e até aprender coisas novas. Eu me arrependo muito de não ter feito, nessa época, coisas que quero fazer agora, mas que não tenho tempo por conta da proximidade dos vestibulares. E é o que isso causou nas pessoas: culpa, arrependimento, insuficiência, aquela sensação de que todos estão à sua frente e não tem mais como recuperar o tempo perdido.

A pressão por produtividade e resultados vem de todos os lugares: dos pais, da escola e de você mesmo, pelo menos foi o que aconteceu comigo. No meu colégio, recebemos mais atividades do que nunca receberíamos no presencial, o que agravou muito essa sensação de nunca estar com nada em dia, porque, quando você achava que tinha terminado tudo, a aba de tarefas já estava cheia novamente.

Além disso, tem a questão da dificuldade de aprendizado no ensino remoto. Parece que, mesmo quando estou prestando atenção, não estou prestando atenção totalmente. Isso acontece, porque, como a maioria das pessoas, não há no meu quarto, muito menos no resto da casa, um local com a finalidade específica de estudar ou trabalhar, ou seja, não tenho mesa, cadeira, silêncio e Internet num mesmo cômodo de casa. Logo, também não tenho foco. Dessa forma, é muito mais difícil se concentrar e se empolgar com os assuntos que estão sendo apresentados, e, sinceramente, eu nem tinha mais vontade de tentar, só queria dormir e ficar deitada o dia inteiro.

Somando a culpa causada pela improdutividade e os novos obstáculos de aprendizagem, tivemos como

resultado uma permanente sensação de incapacidade que, acredito eu, tenha assolado muitos estudantes de ensino médio durante a pandemia. Eu comecei a me sentir burra, comparar-me, não só com as outras pessoas, mas com uma antiga versão de mim, uma mais inteligente, mais esforçada, mais atenta, mais curiosa, uma versão melhor (a versão da época que íamos ao colégio). E, dessa maneira, tudo se encaixava como em um ciclo vicioso: o desânimo e a comparação traziam o sentimento de incapacidade, que, somado às lacunas de aprendizagem do ensino remoto, causavam um abalo emocional que me afastava ainda mais da escola.

O tempo foi passando, e todos esses fatores acabaram afetando minha autoestima, fazendo-me acreditar que eu realmente não conseguia aprender. Como consequência, o medo do fracasso se instalou de forma permanente na minha cabeça, e eu só pensava no meu despreparo para as provas, para o vestibular, para a faculdade, para o mercado de trabalho e para qualquer outra coisa que viesse à mente. Eu me pergunto: O quão despreparados os estudantes pandêmicos chegarão às faculdades? Sair diretamente da própria casa para uma universidade vai ser um choque enorme. Como vamos lidar com isso? Como as instituições lidarão conosco? Bom, teremos uma resposta, em breve, de uma forma ou de outra.

Por fim, quero retomar o início e falar sobre as coisas que não teremos como recuperar. Quando enfatizei minha relação com o colégio e de como ele afeta imensamente a minha vida, tive a intenção de mostrar que todas essas mudanças não impactaram apenas a minha vida escolar, mas também o meu desenvolvimento

em direção a fase adulta. Nesse caso, não há estudo que recupere os assuntos perdidos.

O distanciamento da escola também causou o distanciamento da minha vida, do contato com os amigos, das descobertas e das experiências da adolescência. Assim, nos restou a sensação de um encerramento forçado, do fim de um ciclo que não terminou de verdade, e essa ausência ficará marcada na minha formatura, no meu dia a dia na faculdade, nas minhas lembranças e imaginações de como teria sido.

Meu mundo na pandemia!

Aysha Gabrielle

No começo de março, a vida de todos os brasileiros mudou brutalmente, com a chegada de um vírus chamado SARS-CoV-2, supostamente pequeno. Até então, estava atingindo os países fora do Brasil, começando na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Só que no Brasil, quando chegou, estava vindo com as pessoas que estavam voltando infectadas de outros países.

Então, no início, achei que somente quem tinha viajado teria risco de pegar e, ao chegarem ao Brasil, iriam ficar 14 dias de isolamento e pronto, estariam curados. Só que as coisas começaram a ficar difíceis, pois o vírus começou a se espalhar de uma forma descontrolada. No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou pandemia (enfermidade epidêmica amplamente disseminada).

O mundo, então, parou, por um vírus totalmente desconhecido.

Começou, assim, o desespero de todos. As medidas de proteção ficaram mais rígidas, lavar as mãos com sabão ou detergente, caso não tenha nenhum acesso ao “toalete”, passar álcool em gel nas mãos, evitar apertos de mãos e cumprimentos como beijos no rosto e abraços, distanciamento social e uso de máscara para evitar a propagação de gotículas. E logo depois, começaram a

noticiar o *lockdown*, pararam escolas, empresas, lojas e outros, só se deveria sair por extrema necessidade.

Eu não imaginava o quanto era grave essa doença. Até então, eu achava que teria férias da escola. Com isso, eu saía para todos os lugares, não havia mudado nada na minha vida, apenas não estava tendo aula; até aí, estava ótimo. Depois, veio a parte de ter que me afastar de tudo e todos.

Cumprindo quarentena em casa, imposta pelos governantes, deixei de conviver com os amigos que tinha acabado de conhecer, afinal de contas, era o início de uma nova era em minha vida. Eu estava começando uma fase nova, pois havia acabado o ensino fundamental e estava ingressando em algo totalmente desconhecido e novo, o temido ensino médio. Estava aprendendo a me virar, pois tudo era diferente, novas amizades, novos professores e mais ríspidos, colégio distante, pois o outro era a poucas ruas da minha casa, eu ia andando; agora, tinha que aprender a pegar condução para ir à escola, algo que não sabia fazer, não tinha essa independência. Estava começando a me adaptar e, de repente, tive que parar com essa nova realidade.

Foi desesperador para mim, pois sentia falta dos amigos antigos. Afinal, foram anos de convivência e cumplicidade, compartilhávamos tudo, do bom ao mau, o certo e o errado... Foi duro separar-me deles e fazer novas amizades, começar algo novo, completamente só. Estava acostumada a ir para a academia pela manhã, escola à tarde e, à noite, quando ainda tinha forças, geralmente parava na praça, para colocar o papo em dia com os amigos. De repente, mudou toda essa rotina, veio o medo do novo, no início por 15 dias, depois foi se prorrogando, parecia uma

eternidade. Com isso, vieram crescendo o medo e o desespero da nova rotina, ficar quieta em casa.

Em meio a isso, chegou dia 14 de abril de 2020, dia em que meu avô começou com um resfriado muito forte. Até então, achávamos que seria apenas um resfriado, fomos à UPA para fazemos teste e ver se seria covid. Como estávamos no início da pandemia, os médicos e enfermeiros, despreparados com a situação, com tudo muito novo para todos nós, falaram que seria apenas um resfriado e passaram apenas dipirona para febre e dor, e descansar; não passaram sequer um exame, não fizeram nem uma tomografia.

Até que, no dia 22 de abril de 2020, demos entrada no Hospital Municipal Salgado Filho, e ele ficou internado para descobrir o que teria. Para o meu desespero, chegou o dia 24 de abril de 2020, o dia que eu mais temia, o dia que meu avô faleceu por complicações da covid-19, com o pulmão 100% comprometido.

O pior de tudo foi ver uma pessoa que era tão amada, sendo enterrada por apenas três pessoas. Foi muito triste, e ali eu pude perceber, que nós não somos nada, seja rico, pobre, negro, branco, pardo, entre outros, essa doença não faz distinção, vão todos para o mesmo buraco, enterrados com o mínimo de pessoas acompanhando, outros sem nenhum parente. Vi em outros estados, lugares que cavavam buracos lado a lado e enterravam de forma desumana os cadáveres, transportavam amontoados esses corpos, para esses enterros. Coisa muito triste de se ver, pessoas próximas partirem, sem nem sabermos que estavam doentes. Você via e falava com as pessoas em um dia, na outra semana, chegava a notícia de que aquela

pessoa tinha falecido, algo surreal para mim. Enfim, dizem que a vida é um sopro, e eu pude comprovar isso.

Vi alguns nascimentos na era da covid, minha sobrinha, minha vizinha, minha prima, minha afilhada e, mesmo assim, foram poucos diante de tantas perdas. Nem pude curtir direito o nascimento da minha sobrinha, pois ela morava comigo, mas teve que ir para a casa do avô dela, para que minha mãe cuidasse do meu avô. Com tudo isso, não pude participar do desenvolvimento inicial dela.

Agora, só se fala no novo normal, a era da máscara e do álcool em gel. A outra nova realidade, a das novas amizades, escola nova, nem tive tempo de me acostumar, pois foram poucos meses. Essa nova realidade de máscara e álcool está durando mais e, para falar a verdade, não vejo um futuro sem esses itens, pelo menos por enquanto.

Não consigo ter uma boa perspectiva de futuro, pois a esse tipo de ensino a distância, com aulas *on-line*, não consegui me adaptar, tenho muitas dúvidas, sinto-me incapaz de acompanhar a turma, pois gosto de aprender olhando para o professor, com ele me explicando, face a face, sinto-me mais segura e capaz. Estou desesperada com esse tipo de ensino e, quando comecei a voltar para a escola, com turmas menores, poucos alunos, poucas aulas, foi tudo ineficiente. Aí veio nova ordem, parar tudo novamente, afinal, começar ou parar? Virou um circo isso tudo, pois é assim que me sinto.

Agora chegou uma nova etapa, a vacinação. Chegou a minha vez de vacinar, ao mesmo tempo em que estava ansiosa com essa nova fase, veio um misto de felicidade e medo, pois estavam circulando muitas histórias, uns diziam que a vacina era a solução, por outro lado, a nova cepa da covid, a variante delta, estava chegando com

tudo. Voltou o medo, o desespero, pois muitas mortes voltaram a ocorrer, mas dessa vez, os mortos haviam tomado as duas doses da vacina, então, vacinar ou não?

Venci o medo, pois decidi seguir as regras e a lei, pois a ordem é “vacinem-se!” Fui ao posto de vacinação hoje e cumpri as ordens, decidi me vacinar, porém, não estou muito confiante. Agora, os idosos terão que tomar o reforço, cadê a certeza de que com duas doses, tudo voltaria ao normal?

Acho difícil esse recomeço, pois tudo é política, ano que vem tem eleição, aí vem o prefeito e diz, vamos reabrir aos poucos, voltem às aulas, vamos ter Carnaval... O governador diz, parem as aulas e, logo após diz, não parem as aulas, vamos voltar. Não pensam na sociedade, a sociedade é um fantoche nas mãos deles. Enquanto isso, hospitais lotados, atendimento precário, ônibus lotado, enfim, o povo morrendo contaminado. Essa é a nova realidade, então, quando estaremos protegidos e seguros? Na escola, a covid não entra? No transporte lotado, ninguém pega covid?

Fica difícil acreditar nesses políticos, pois a sociedade que se exploda. Só pensam em se dar bem, mas vidas humanas, para eles, não importam. O Ministério da Saúde fica mandando as vacinas em conta-gotas, aí atrasa a vacinação e o calendário não avança. A população era para estar toda vacinada, no final de junho, e até agora nada, quem paga com a vida, é a sociedade. Eu não me sinto segura para voltar para a sala de aula, pois tenho bronquite e minha irmã caçula tem diabetes mellitus tipo 1. Então, o meu medo maior é contaminar a minha irmã caçula, pois, segundo os médicos disseram para a minha família, ela não resistiria. Quem vai pagar essa conta?

Esperança de dias melhores, talvez. Certeza, não há! Talvez num futuro bem, bem distante, quem sabe possamos rir de tudo isso, acho muito difícil rir de tragédia, pois vivemos um presente trágico, sem perspectiva de um futuro tranquilo, pelo menos por enquanto. Enquanto o foco for na vacina, não estaremos seguros, pois, cada vez mais, fica comprovado que a vacina não nos protege completamente.

Na minha visão, o futuro pertence a Deus, somente Ele pode nos salvar, pois os políticos brincam com a vida das pessoas; a saúde, a cultura, tudo isso faliu aqui no nosso Brasil. Então, como ter esperança em um futuro próspero e promissor, se o presente é tão caótico e trágico? Fica impossível, diante do atual cenário, ter esperança no futuro.

O meu desejo é de que, atualmente, a vacinação avance e termine essa fase. Veremos, a partir daí, como será o amanhã, pois, com esse ensino precário, tenho medo do meu futuro, tenho medo de não concluir o ensino médio e nem chegar a uma faculdade.

Temo pelo futuro dessa geração, cheia de sequelas da covid, pois minha mãe ficou com coração grande, sequela da covid; eu tive depressão e tenho ansiedade, pulmão e coração, prejudicados pela sequela da covid. Então, o meu foco é em um presente melhor para poder haver um futuro, do qual quero fazer parte. A minha ideia de um futuro próximo é uma escola com ensino eficiente, que todos possam frequentar com segurança e que aprendam de fato; onde possamos concorrer com igualdade com todos os alunos por uma vaga na faculdade, tirando boas notas no Enem; que a saúde tenha no mínimo hospitais funcionando e com todo aparato com excelentes

tratamentos, em que haveria cura, sem sequelas de covid. Seria o futuro excelente e promissor para todos.

O poderia dizer para as futuras gerações, com base no que vivi nessa pandemia? Primeiro que se cuidem, acreditem no vírus, pois se essa geração, desde o início, acreditasse e cooperasse, não estaríamos passando por isso, esse tempo todo que está durando, a culpa disso tudo é de todos. Na atual conjuntura dos fatos, diante de tudo que ainda estamos vivendo, tem muita gente que diz que ainda não acredita nesse vírus, aglomera-se e não respeita o próximo, parece que vivem em outra realidade, outro mundo.

Então, acreditem, previnam-se e pensem no próximo, com respeito e amor, tudo pode ser diferente. Eu acredito que, com união e amor, sempre se vence a guerra. Não dizem que a união faz a força? Eu creio nisso. O amor pode tudo, com ele não há vírus que resista, não há pandemia que prevaleça, por isso, viva o amor! Amem a todos, exerça o respeito ao próximo e se previnam desde o início, e nenhum mal prevalecerá contra uma sociedade unida e próspera.

Estudem, pois o conhecimento abre as portas do mundo, um povo educado e inteligente pensa por si só, não precisa de pessoas sem caráter, decidindo o futuro por elas, votem com consciência, e não com emoção. Os políticos não gostam que o povo adquira conhecimento, para que eles possam pensar pelo povo, ou seja, pensar neles, agir em seu próprio benefício. Por isso, não investem na educação. Entendam e exijam os seus direitos básicos, que são direito à vida e à cidadania, isso está na constituição. Minha mãe estuda direito e sempre nos ensina isso, para que possamos nos impor diante da

sociedade e sabermos exigir o básico; o mínimo que nós merecemos é o básico, para se viver bem e prosperar.

Covid 19, o renascer

Fernanda Maria de Melo Dutra

Admito que demorei a ter coragem, para poder escrever cada detalhe desses dois últimos anos. Foram tantas experiências, tantas vidas vividas em um curto período de tempo, que, talvez, eu nem consiga definir e descrever perfeitamente.

Tudo começou do nada, foi um susto generalizado; do dia para noite, todo mundo teve que se recolher às pressas, sem expectativas de um futuro seguro. Era só medo e caos. Essa angústia crescia paulatinamente, quando todos tinham que se distanciar por medidas de segurança, por presenciar tantas e tantas mortes diárias e por não ver uma luz no fim do túnel.

Sinceramente, durante um bom tempo, acreditei que ninguém iria sobreviver a tudo isso. A gente sempre tem esperança, mas, sabe aquela “pontada” de medo que percorre o nosso íntimo? Sempre existiu uma possibilidade de tudo acabar, de acontecer, e, mesmo que fosse 1%, de tudo dar errado.

Durante muito tempo, tive medo de poder vivenciar os meus pais adoecerem e virem a óbito. Nada eu poderia fazer, porque eles são idosos, mas, por incrível que seja, quem se contaminou primeiro fui eu, em junho de 2020. Os sintomas foram severos, parecia que estava gripada e com uma pneumonia silenciosa permanente. Dores no corpo, falta de ar, de apetite e de paladar. Muitas coisas

passaram na minha cabeça, como se fosse um filme. Um filme em ritmo acelerado, sem pausa e sem rebobinar... mais rápido e mais rápido.

Me recuperei da covid antes mesmo que a vacina existisse. Mas o medo existia dentro de mim, obviamente como dentro de todo mundo, acredito eu. Viver era uma incógnita ou, como dizia Cazuzza, uma “questão de utopia”.

Não tínhamos certeza de um amanhã e, como eu disse anteriormente, já era provado cientificamente que uma pessoa poderia se contaminar mais de uma vez e ser assintomático. Isso significaria repassar à frente o vírus de forma bem silenciosa, viver com medo nunca foi tão real.

Em 2021, tudo parecia estar bem, eu havia me recuperado da covid, os sintomas amenizados, o paladar voltando. Numa noite em casa, aparentemente bem, tinha acabado de chegar do trabalho e, depois disso, de nada lembro. A única coisa que me recordo é de estar um leito de hospital, com uma sonda e uma máscara de oxigênio. De imediato, pensei que estivesse em um determinado hospital, mas depois me dei conta que estava em outro.

Não sei o que eles aplicam na gente, mas eu me sentia muito cansada e com sono. Após despertar, dormi novamente, e olha que fiquei desacordada 18 horas após ter 13 convulsões. Tive que ser amarrada na cama para não cometer o pior. Estava contaminada, com a covid e com 30% do meu pulmão comprometido pela pneumonia.

Depois, me dei conta de como a minha mãe deveria ter se sentido me vendo naquele estado, pois minha vó materna faleceu com 30 anos, vítima de pneumonia, quando minha mãe tinha apenas dois anos de idade.

Enfim, depois disso minha vida nunca mais foi a mesma. Tenho até hoje súbitas perdas de memória,

pessoas sumiram, situações desapareceram, e eu tive que recomeçar e a me reconstruir novamente dia após dia.

Viver não tem sido fácil, muito pelo contrário, tenho me construído em uma versão nova, diariamente, tendo que enfrentar muitas divergências, pois as pessoas infelizmente não conseguem entender nosso lado, ou não se tem a mente aberta quando é preciso ter.

Um ano se passou.

Dentro desse tempo, consegui trabalhar na escola novamente no final de 2021, quando tive que lidar com a covid mais uma vez, só que como profissional da educação.

Trabalhar com crianças é uma das melhores coisas e sensações que eu poderia ter hoje, com certeza, não me arrependo de nenhuma escolha que tenha feito no passado e das dúvidas que tive. Vê-las na situação da covid-19 foi uma das coisas mais difíceis da minha vida.

Elas tiveram que perder anos de aprendizado, anos de conhecimento e entretenimento com outras crianças da mesma idade e, hoje, em 2022, elas estão tendo que se renovar, reaprender, conhecer um mundo totalmente desconhecido. Nós, adultos, estávamos aptos; para os pequenos, tudo é novo, diferente e esquisito. Nós educadores também estamos passando por esse processo, mas, para as crianças, é doloroso vivenciar até hoje algumas coisas.

A vida é uma adaptação constante, e eu tenho certeza de que, daqui a alguns anos, essas crianças irão contar histórias, assim como nós. Sobreviver a uma pandemia mundial não é fácil, carregaremos as sequelas para o resto de nossas existências, mas, ao mesmo tempo, nos tornamos fortes. Nos Tornamo-nos, a cada dia que passa.

Cada profissional, cada professor, cada aluno e cada pessoa que tenho o privilégio de estar atuando hoje dentro da área de educação, todos são heróis. Disso eu não tenho nenhuma dúvida e nem tiro uma palavra. Em cada rosto, vejo esperança, recomeço, mudanças permanentes e positivas. Essas crianças, elas terão muito o que contar!

Sinto-me muito grata a Deus e a todos os meus professores que me acompanharam nesse momento difícil e que me acompanham até hoje nesse momento de regeneração. Toda vez que eu tenho contato em uma sala de aula, como estudante ou como professora, assim podemos dizer, tenho dentro de mim o pensamento de que eu consegui, que eu posso conseguir o que eu quiser daqui para frente, assim como todos vocês.

Esta é a minha história.

Narrativa do ensino médio na pandemia

Guillermo Dutra

O que seriam apenas duas semanas afastados por conta de um vírus acabaram virando, no meu caso, dois anos sem aula presencial. No início, de certa forma, foi satisfatório, e até feliz, saber que, já no começo das aulas, íamos ter um descanso, principalmente, pelos simulados aos sábados que faríamos. Mas assim como comemorar antes da vitória, a felicidade foi rápida para acabar, as aulas voltariam e tudo seria *on-line*. Sem poder ver professores e amigos, o começo foi muito difícil, principalmente, para me adaptar, pois aulas *on-line* sempre foram raras para mim.

Utilizei meu telefone e um *notebook* emprestado. Com o telefone assistia às aulas e tirava as fotos dos deveres que tinha de fazer no caderno; já o *notebook*, usava para fazer outras tarefas. Esses eram os “novos” materiais escolares, e, por possuir familiaridade com eles, não tive dificuldades para os usar.

Apesar disso, um dos primeiros problemas foi a plataforma de ensino que estava sendo utilizada. Por estudar em regime integral, fazia o ensino básico, meu ensino médio no Sesi, e o técnico, meu curso de comunicação visual no Senai. Cada um optou por plataformas diferentes: enquanto o Sesi fez pela Microsoft Teams, o Senai ficou pelo AVA. Eu e meus amigos da turma tivemos bastante dificuldade com o AVA. Além de

ser difícil para entrar nas aulas, as tarefas eram sempre uma luta para achar. Porém, esse primeiro problema foi resolvido logo em seguida, quando o Senai passou a ser pelo Teams também, que era mais simples e fácil.

O problema da plataforma foi resolvido de forma bem rápida e simples, mas, como as aulas ficaram em um “novo formato”, ainda faltavam certas coisas para nos acostarmos e nos adaptarmos. Por ser estudo integral, antes do ensino remoto, os professores geralmente passavam exercícios ou tarefas durante suas aulas e explicavam matéria também. O real problema, e até mesmo dificuldade, foi que a quantidade de exercícios que vinha era grande demais para fazer, com um período curto. Por exemplo, tarefas longas para entregar no dia seguinte. Com todos os professores usando esse método, o acúmulo de deveres foi enorme.

Pela turma ser bem entrosada e tranquila, já na metade da segunda semana, resolvemos conversar com eles, pois estava complicado aprender e fazer exercício de todos ao mesmo tempo. Por sorte e pelo carinho que os professores tinham com a nossa turma, a grande maioria parou e começou a mudar a estratégia de aula, passando matéria e tarefas, porém, com moderação, ficando assim mais fáceis de as cumprir. Porém, como a vida não é um morango, infelizmente, tinha um ou outro professor que dizia que tentaria mudar, mas, mesmo com as súplicas da turma, manteve a mesma estratégia, e, conforme o tempo foi passando, conseguíamos dar conta.

Os primeiros meses de aula iam passando, e nada de previsão de voltar às aulas presenciais, aliás, estava tudo muito instável ainda, era muito arriscado. Infelizmente, o número de casos da covid aumentava, mas não era só isso

que crescia, a saudade dos outros, e, nesse caso, dos amigos e até mesmo dos professores que mais nos dávamos bem, até porque, quem estuda integral tem uma segunda casa.

A distância era outro problema que talvez tenha sido o mais chato de passar, pois era difícil de se resolver, principalmente, quando se tem a sorte de ter tido uma turma tão boa quanto eu tive. Ligávamos a câmera, conversávamos quando podíamos e recebíamos diversos elogios de professores, dizendo que, por mais difícil que estivesse, as brincadeiras que fazíamos durante as aulas ajudavam.

Além de climas mais amigáveis e tranquilos nas aulas *on-line*, a quantidade de ligações com amigos aumentou, afinal, essa era uma das formas de conversar e matar a saudade de quem não podíamos ver pessoalmente. Quando tinha tempo livre, era ir direto para o *Discord*², onde ficava conversando e matando o tempo, divertindo-me do jeito que podia. Trabalhos em grupo também eram assim, ou ligações pelo *Discord* ou por WhatsApp, isso quando não conseguíamos resolver apenas por mensagem.

Conforme mais meses se passavam, o meu segundo ano do ensino médio ia passando também, e, já acostumado a acordar todo dia pelo menos uns 30 minutos mais cedo para comer antes das aulas, fazer as tarefas o mais rápido possível para poder desenhar

² É uma plataforma gratuita que permite que os usuários troquem mensagens, imagens, vídeos e façam ligações, tanto privadas quanto com mais pessoas. Pode-se criar uma comunidade também com amigos. Começou com intenção de facilitar as conversas durante jogos *on-line*, pois você joga enquanto fica conectado em uma *call*.

enquanto conversava com amigos, o cansaço começava a bater, mesmo tentando lidar da melhor forma possível.

O ser humano é um ser sociável, até os que menos gostam, tem o mínimo de socialização. O fato de ser tudo *on-line*, uma hora cansa e causa tristeza, tédio e desânimo vinham junto. E isso influencia bastante, pois a vontade de fazer os deveres era baixa até mesmo de matérias que gostava. Também não tinha aquele prazer de fazer atividades de lazer, e a criatividade era mínima. Por gostar muito de desenhar, acabei ficando um tempo sem fazer nada pelo desânimo, e me sentia forçado a fazer os deveres, estudar para as provas e lembrar que no dia seguinte tudo ia se repetir.

As semanas de prova davam um pequeno descanso. O método de prova se ajustou ao *on-line*, no caso da minha escola. Em vez de cada dia ser uma matéria com pelo menos 10 questões, ou cada dia três matérias como era no presencial, as provas eram feitas em blocos. Havia o bloco de humanas, de ciências da natureza, linguagens, redação e matemática, tudo separado.

Ao contrário do presencial, no *on-line* tivemos uma semana inteira para fazer esses blocos. Eles eram liberados no primeiro dia, e cada estudante se organizava para fazer da maneira que fosse mais confortável durante aquela semana. A única exceção era redação, que abria e fechava no mesmo dia. Por ser desse jeito, eu me organizava para fazer pelo menos dois blocos por dia, pois, assim, em três dias, terminava tudo, tendo tanto fim de semana como os outros dias para descanso.

No final do segundo ano, lembro-me de quando as aulas começaram a ser híbridas. Por já estar adaptado ao modelo anterior, algumas dificuldades vieram juntas ao

novo método. Na minha sala, apenas dois alunos foram para o presencial, o resto da minha turma continuou no *on-line*, inclusive eu, já que ainda não tinha tomado a vacina. Compreendo a dificuldade de dar aula para “dois” grupos, mas, infelizmente, havia algumas aulas que pareciam mais videoaulas, a interação era zero com o pessoal de casa, o que desanimava um pouco.

Felizmente, foi bem rápida essa dificuldade, pois o ano letivo já estava bem próximo do final, e o meu segundo ano do ensino médio, inteiramente *on-line*, passou com poucas dificuldades em geral. As férias chegaram e, logo após o descanso, viria o último ano letivo escolar.

O último ano da escola começou, e, ao contrário dos primeiros dias de aula no segundo ano, foi fácil, por já estar acostumado. No início, sem mudanças no estilo, o híbrido permanecia, e, quando havia alguém com suspeita de covid, a turma ficava *on-line* até tudo estar supostamente bem.

Foi no terceiro ano que vi alguns amigos pela primeira vez depois de muito tempo, não na escola, mas sim na casa de colegas, afinal, nosso tempo estava muito encurtado. Além das aulas do ensino médio, iniciariamos aos sábados o preparatório para o vestibular, e domingo passaria a ser nosso único dia livre.

Matando a saudade de alguns, com o início das aulas, as provas desse semestre inicial chegariam em algum momento, com uma mudança que nos afetaria. Em vez de uma semana para se fazer as provas no dia e horário que quiséssemos, a dinâmica voltou a ser um pouco mais parecida de quando era no presencial. Porém, as provas permaneciam nos formatos de blocos. O que aconteceu foi

que as provas teriam menos tempo para se fazer, e, a cada dia, liberariam um bloco, com três horas para realização.

Dessa forma, gastando todos os dias disponíveis na semana de provas, já que cada bloco teria um dia, eu fazia as provas assim que liberavam, para ainda ter tempo de estudar para o bloco do dia seguinte, ou, quem sabe tentar um pequeno descanso. Um ponto positivo é que, assim como antes, quando havia prova, não tinha aula.

Após tomar a primeira dose da vacina em agosto, tive finalmente a oportunidade de voltar ao presencial em outubro, quando minha turma, anteriormente composta por dois alunos, já estava com doze pessoas contando comigo e foi aumentando, até ficar quase com todos no presencial ao final do ano, dando aquela sensação boa e feliz de rever os amigos e estudar no presencial, que é melhor que no *on-line*.

Durante o período da volta ao meu presencial, além de uma concentração maior nas aulas, as bobagens e maluquices que fazia com os amigos voltaram também. Conversas, intervalos e outras coisas mais não se comparam ao *on-line*, em que eu só esperava a próxima aula entediado. Além disso, a conversa com alguns professores também voltaram, principalmente, com os que eram parceiros da turma, pois ter um bom relacionamento com o professor acaba fazendo ter mais apreço pela matéria. O presencial me deu mais ânimo, ainda que acordando mais cedo e chegando mais cansado em casa, o sentimento era completamente diferente de quando estava no *on-line*.

Mesmo com a volta ao presencial, as provas continuaram *on-line*, então, teve uma semana em que ficamos em casa parcialmente. No caso da minha turma,

íamos apenas no turno da manhã para o Senai, que era o curso profissionalizante.

Por ser meu último ano, assim como o Sesi, o Senai tinha sua própria avaliação final. A avaliação para minha turma foi feita em dupla, e o objetivo era a criação de um logo para um dos dois clientes que nos foram apresentados. Eu e minha dupla escolhemos fazer o logo para uma quitanda.

Aparentemente, é algo muito tranquilo de se fazer, mas só por aparência mesmo, pois, por trás da criação, há diversos processos e outras coisas necessárias que precisávamos fazer para além do logo. Você começa com perguntas ao cliente sobre a marca, para poder atender aos pedidos dele, depois, pesquisa diversas referências para o auxílio e, geralmente, é nesse momento que começam os primeiros rascunhos.

Quando se tem o logo pronto, as aplicações começam a ser feitas, de modo que você possa aplicar em roupas e objetos que se encontram no contexto da marca. Quando se finaliza isso tudo, fizemos também o *Pitch*, que é um vídeo promocional da marca, contendo tudo que foi pedido na avaliação, mais os motivos do uso de elementos, escolha tipográfica, escolha das cores, tamanhos aplicados do logo criado e outras coisas que foram pedidas.

Para acabar a avaliação, a última coisa a fazer foi apresentar isso tudo aos professores que nos orientaram e, no meu caso, acabaram ajudando-me bastante. A apresentação e o trabalho, segundo eles, foram muito bem feitos e disseram que perceberam o nosso esforço e trabalho em conjunto. Felizmente, conseguimos passar tendo assim o diploma e certificação do curso de

comunicação visual do Senai. A intenção do projeto final do Senai foi interessante, já que disseram que, depois, os clientes iriam escolher qual eles mais gostaram para utilizar e que assim que eles soubessem nos contariam.

Bom, terminando o ensino médio e passando no Senai, foi o fim dos meus três anos de ensino médio, quase dois *on-line*, numa escola nova, onde eu pude aproveitar o suficiente e fazer amizades que espero não perder. Aprendi e fiz diversas coisas lá, das mais variadas; e por mais clichê que pareça, diverti-me bastante, o que me deixou, com uma leve ansiedade, pensar que essa fase passou e temos que rumar para a próxima, mas é a vida, e nela, ou você aproveita enquanto passa por ela, ou só segue o fluxo, e somos nós quem fazemos essa escolha.

E caso esteja curioso em relação a qual logo foi escolhida, bom, pois é... nem eu sei, pois não nos contaram, e parando para pensar, deixa de ser frustrante para ser engraçado.

Relato de experiência

Henrique da Costa Coelho

Eu estudo em uma escola particular. Durante a pandemia, as aulas ficaram um pouco complicadas. Com o início das aulas *on-line*, a divisão entre os alunos e o professor poderia gerar vários problemas de compreensão, porém, pelo menos no meu caso, isso não atrapalhou. As aulas virtuais conseguiram ser bem confortáveis comparadas às aulas presenciais. Eu pude assistir às aulas de qualquer lugar, não precisei do uniforme e não tive que conviver com colegas que implicavam comigo.

As provas foram menos estressantes e mais simples do que as presenciais. Nas provas presenciais, eu me sentia muito pressionado pelo tempo, eram muitas questões para responder em poucos minutos. Ao fazer as provas em casa, senti-me mais confortável. Os professores marcavam a entrega no final do dia; com isso, eu tinha mais horas para as completar. Podia ter um intervalo para pensar nas questões. Por outro lado, em algumas provas, o sistema era mais rígido, e depois da hora marcada, não se aceitava mais o envio. Tive uma experiência ruim com isso. Uma vez, eu confundi o horário da entrega. Pensei que fosse até às 18h00, quando na realidade era até às 16h00. Quando abri o Google sala de aula e não consegui mais enviar a prova, fiquei desesperado, e não teve nada

que pudesse fazer para corrigir esse erro. Foi uma sensação péssima.

As aulas remotas tiveram um saldo positivo para mim. Eu conseguia ficar atento, mas havia algumas dificuldades. Tinha vergonha de ligar a câmera, porque ninguém ligava, e eu não queria ser diferente. A comunicação com os professores nem sempre funcionava. Eu mandava mensagens, mas nem todos respondiam, ou demoravam muito a responder.

Mesmo que as aulas tenham demorado para se ajustar, elas se organizaram mais rápido do que eu imaginava. Eu acabei perdendo algumas por suspeita de covid dos professores, mas isso não foi algo frequente. Não achei que tivesse prejudicado minha aprendizagem. Eu continuei aprendendo as matérias, acompanhando as aulas e conseguia fazer as provas. Minhas notas melhoraram, foi mais tranquilo passar de ano. Eu continuei tendo contato com os meus colegas, apenas virtualmente, mas isso não foi difícil. Enfim, as aulas virtuais resolveram vários problemas que eu tinha com as aulas presenciais.

Uma jovem diante da pandemia

Isabela Silveira

Meu nome é Isabela, sou aluna de federal, e há dois anos atrás, iniciou-se a tão longa pandemia da covid-19, logo após o Carnaval. Eu pensava que isso nem chegaria ao Brasil. Mas, logo no início de março, os diretores começaram a suspender as aulas por 15 dias. Depois mais 15. Logo depois, veio o assustador “por tempo não determinado”.

Eu sempre estudei muito, achei ótima a ideia de umas férias extras, mais tempo pra fazer o que gosto de verdade, desenhando, pintando, exercitando-me em casa mesmo. Sou introvertida e nunca precisei de muita gente ao meu redor para me sentir confortável comigo mesma, diferente de amigos extrovertidos que tenho, que vi o quanto sofreram sem poder ver outras pessoas.

Eu estava numa zona de conforto, numa casa confortável, perto de comércio, com a família e amigos saudáveis, respeitando completamente a quarentena. Fiquei feliz de finalmente viver como sempre quis, sem sair de casa, ouvindo música, mas a verdade foi que isso só durou três meses.

Aulas virtuais não estavam nem perto de começarem, uma federal sem estrutura para manter aulas virtuais, sem professores capacitados para isso, muitos alunos com pouco acesso à Internet e computadores, um total despreparo, que eu sabia que demoraria para se

reajustar à realidade da pandemia. Eu não tinha previsão de volta aos estudos e comecei a ficar ansiosa.

Ganhei minhas primeiras crises de ansiedade na pandemia. Nunca pensei que aconteceria, sempre fui tranquila e calma com tudo, mas, de repente, tudo que eu era parecia que estava se perdendo, tudo que eu gostava de fazer comecei a não gostar mais tanto, as pessoas que me faziam rir não podiam me ver, meus melhores amigos, meus colegas de turma, eu não sabia quando os veria de novo. Minha família, a qual nunca fui muito próxima por conta de diferenças de afinidade, não entendia o porquê da quarentena, por ignorância e por questões políticas, e, por pressão familiar, fui obrigada a desrespeitar a quarentena para ficar junto deles, o que me fez entrar em uma série de crises de ansiedade e depressão.

Sentia-me sacrificando minha juventude em prol de nada. E eu não fazia isso por mim, afinal poucos jovens estavam morrendo, fazia pelos meus pais e avós, sentia-me jogando o auge da minha juventude no lixo. Eu tinha acabado de fazer 18 anos em meio à pandemia e não aproveitei nada. Essa sensação piorava vendo pessoas da minha idade vivendo normalmente, enquanto eu me mantinha presa em casa.

Eu não vi ninguém da minha idade por seis meses, e isso não foi completamente ruim. Eu nunca havia tido uma proximidade muito forte com minha mãe, nunca havia ficado tanto tempo apenas com ela, nunca havíamos nos conhecido realmente, sobre nossa personalidade, nossos gostos, nunca confiei nela e nunca a havia amado de verdade, porque, afinal, o amor real só é possível quando se conhece. O que sentíamos antes era apenas uma definição rasa de amor, convencional

socialmente entre familiares, um apego idealizado. A partir, nos conhecendo-nos, estávamos nos amando verdadeiramente, conversando e nos apoiando.

Além da questão de proximidade familiar com a minha mãe, eu também me redescobri sexualmente. Eu sou jovem e sexualmente ativa, e nunca havia ficado tanto tempo sem me relacionar com alguém, redescobri minha sensualidade e meu prazer sexual sozinha como nunca tinha acontecido antes. Também me conheci melhor em outros aspectos, sobre minha personalidade, sobre o que realmente gosto de fazer e estudar, sobre a relação que tenho com as pessoas.

Uma série de autoconhecimentos que só foram possíveis diante de uma realidade pandêmica. Acredito ser um pouco egoísta acreditar em coisas boas da pandemia, considerando o número de mortes e miséria, enquanto eu me encontrava em situação privilegiada, vivendo conflitos psicológicos, sem conflitos envolvendo meu físico. Mas ainda assim, a questão foi que a pandemia foi uma realidade, e temos que absorver o máximo de positividade da nossa triste realidade.

Depois de quase um ano, minhas aulas virtuais começaram, em dezembro de 2020. Eu sentia falta dos estudos, mas eles agora me pareciam ser a última coisa que queria, meus professores não tinham didática para aulas virtuais, as aulas eram cansativas, e eu havia esquecido da pressão que era fazer provas, entregar trabalhos, sem falar de desgastes que tínhamos com Internet e computador que, às vezes, vinham a não funcionar.

Em menos de três meses, eu já estava completamente cansada das aulas virtuais, não absorvia mais nada, não aprendia verdadeiramente mais nada, eu estava exausta

e só consegui passar com ajuda de amigos, nos juntávamos para fazer as provas juntos para facilitar nossos estudos. E eu via também o cansaço dos próprios professores, das tentativas falhas de tornar a aula virtual mais atraente. Todos nós estávamos exaustos, e conhecimento de verdade não consegue ser passado para uma mente cansada. O lazer de qualidade, o descanso, o ócio, fazer o que te dar prazer, são fatores importantes para que uma pessoas consiga estudar ou trabalhar, e, na pandemia, não conseguíamos fazer isso.

Aos poucos, eu me permiti afrouxar a quarentena. Em 2021, voltei a ver alguns amigos e a me relacionar sexualmente com poucas pessoas, e eu não imaginava o quão sensível emocionalmente eu estava. Além de sensível, extremamente aliviada por finalmente voltar a ver pessoas que tanto gostava, mas, ao mesmo tempo, eu também passei a valorizar muito meu tempo sozinha, o que hoje, com o final da pandemia, está começando a se tornar um problema.

O que retrato aqui é uma visão inteiramente pessoal, a visão de uma jovem suburbana de classe média. Estudar numa federal me fez ter contato com muitas realidades diferentes, de pessoas que moram em Santa Cruz a pessoas que moram numa cobertura no Leme. Eu vi pessoas da minha idade perdendo parentes próximos, perdendo suas casas, tendo de começar a trabalhar ainda jovens em meio à uma pandemia. Também vi pessoas desrespeitando a quarentena, indo para festas, *raves*, viajando, levando vidas de luxo e se declarando contra vacinas, defendendo a “economia” que põe em risco a vida dos mais vulneráveis, indo contra a saúde pública e defendendo somente interesses próprios.

A pandemia mostrou o grande contraste entre as classes mais altas e as mais baixas, mostrou o quão egoístas somos, assim como mostrou a fragilidade do ser humano, sempre tão egocêntrico em relação à natureza. Eu não acredito que a pandemia veio para nos modificar, porque a verdade é que nenhum ser humano quer abrir mão de seu conforto, e agora, ao final da pandemia, continuamos vendo que todos só defendem interesses próprios. E não, eu também não acredito que isso foi um plano de algum Deus, de forças do universo ou de qualquer coisa que possa existir acima de nós, eu acredito que tudo que ocorreu foi responsabilidade do ser humano, a espécie mais egoísta e insequente desse planeta. E só venceremos isso quando nos igualarmos socialmente, quando todos nós tivermos direitos realmente iguais, quando não houver mais sobreposição de interesses, nem vidas mais importantes que outras.

Minha vida em tempo pandêmico

Isaías Justino Delfino

No início, era só a animação de entrar em uma escola nova, ninguém imaginava o que viria. Eu só esperava fazer novos amigos, conhecer matérias e professores novos, como em todo início de ano. Nos dois primeiros meses de aula, fizemos isso, até recebermos uma notícia diferente.

Veio um recado da escola para que os alunos ficassem uma semana em casa por conta de uma doença. Ninguém tinha entendido nada, mas aceitaram bem, pois, alunos amam ficar em casa. Uns planejaram colocar as matérias em dia, outros ir à praia, entre outros planos. Com isso, passou essa semana e nada de voltarem as aulas. Essa doença ganhando mais visibilidade, e os alunos ficando preocupados se não iriam retornar as aulas.

Esse vírus causou um choque em todos, nenhum ser humano esperava por isso, ainda mais nós. Com o Sars-Cov-2 rolando a solto pelo mundo, o Governo do Estado do Rio de Janeiro teve que tomar uma providência em relação às aulas para os alunos. Então, começaram a usar uma plataforma do Google, o Google sala de aula. Essa organização funcionava da seguinte forma, os alunos entravam com um e-mail institucional e pegavam a matéria que os professores postavam; até aí, tudo ocorreu bem.

Só que esse vírus estava se alastrando tanto, que foi necessário fazer um isolamento social mais severo, e foi nesse momento que tudo começou a dar errado, porque a

saúde mental foi colocada em jogo e a plataforma usada pelo governo foi indo pelo ralo a baixo. Os professores enchendo os alunos de conteúdo, os alunos ficando cada vez mais doentes mentalmente, com toda pressão e isolamento.

Já não sabíamos mais o que fazer, ou tentávamos recuperar a saúde mental, ou fazíamos as atividades dos professores. Sabendo de toda a pressão, o governo não se manifestou em nada. Isso gerou uma revolta enorme nos alunos e professores; por falta de consideração do governo, tudo ocorria mal. O isolamento cada vez mais era reforçado por causa do vírus, e as pessoas estavam morrendo muito rápido, em massa. Os que sobreviviam sempre tinham sequelas e corriam o risco de pegar de novo esse vírus tão horrível.

Com o tempo, foi-se perdendo o medo do vírus e indo às ruas aglomerar desnecessariamente, todos os dias. Com isso, mais mortes e mais tristeza entre as famílias. Aqueles que estavam em isolamento passavam mal só de ficar em casa e assistir às notícias ruins.

Com a permanência dessa situação, as pessoas começaram a se preocupar com a economia e os empregos, porque o isolamento causou um grande impacto na economia. Os responsáveis financeiramente dentro dos lares começaram a perder o emprego por causa do isolamento, do vírus, da destruição econômica. Aí, começou a preocupação de como seria o sustento e as pessoas começaram a fazer estoque de comidas e de remédios.

O Estado teve que tomar uma providência, porque eram muitas pessoas desempregadas. Então, criaram o auxílio emergencial, para amparar as pessoas com extrema necessidade. O auxílio até que ajudou a maioria

do povo, felizmente, as pessoas estavam conseguindo se sustentar até um período. Com o passar do tempo, as coisas começaram a ficar caras e o auxílio não estava dando mais conta, por causa dos valores absurdos que estavam as coisas. Isso preocupou a população, porque, sem esse auxílio, eles conseguiriam fazer compras e pagar as contas. Então, o povo começou a se preocupar em comprar somente o essencial para se sustentar, com essa dificuldade que estavam passando.

Minha família chegou até a precisar do auxílio emergencial, porque as coisas ficaram bem difíceis, meu pai perdeu o emprego e ficamos muito chateados e preocupados de como seria a vida; mas, com tudo, conseguimos viver com o pouco que dava, meus pais faziam bicos de trabalho, era pouco, mas ajudava a fazer as compras de início. Depois, passou a não ser suficiente nem para fazer as compras básicas, então, comprávamos só o necessário. Nós sofremos um pouco com essa pandemia.

O segundo ano de pandemia chegou, o governo criou um aplicativo para os estudos dos alunos. A partir disso, os alunos tiveram duas formas de interação com a escola, o aplicativo *Applique-se* e a plataforma *Google classroom*, a primeira possuía apostilas e a segunda, material produzido pelos professores.

Houve uma divisão de opiniões, pessoas que amaram o aplicativo e outros que detestaram. Os alunos e professores o amaram por conta da praticidade e a agilidade, ter um app para estudar seria bom, porque poderiam estudar a qualquer momento do dia em que quisessem. O app era pra todos os alunos, mas, na prática, só funcionava para quem tinham acesso à Internet.

Os alunos e professores que detestaram o aplicativo foi porque as apostilas tinham erros e pouca explicação. Na minha opinião, os melhores professores foram de espanhol, matemática e português, porque eles deram total suporte e atenção para todos nós. Isso foi bem legal, eu, como aluno, me senti muito valorizado e respeitado. Para mim, eles foram os melhores, porque uns davam aula por videochamada, outros colocavam vídeos de outros professores fazendo explicações sobre aquela matéria. Mesmo com todo esse suporte, eu ainda tive várias dificuldades. Uma delas foi que eu tive um problema de concentração enorme, tive muita procrastinação para fazer os trabalhos e estudar as matérias passadas pelos professores

A tão esperada vacina chegou, ela foi desenvolvida por cientistas, trouxe questionamentos de muitas pessoas, mas a maioria celebrou a sua chegada. Mas teve um porém para o Brasil: o presidente do nosso país negou a vacina. Então, isso automaticamente trouxe prejuízo para a população brasileira, gerou revolta e preocupação para todos, porque ninguém sabia o que aconteceria, não se sabia se o povo seria vacinado ou não. A população ficou com esse ponto de interrogação na cabeça. A sociedade brasileira estava desesperada, pois não sabia o que aconteceria.

A minha família ficou bem desconfiada da vacina. Já eu, amei ter as vacinas já prontas, eu sempre fui muito politizado, então, eu sabia que a vacina não era feita há pouco tempo, mas sim há anos. Então fiquei tranquilo. Com o tempo, minha família aceitou e soube que a vacina não é a inimiga, e sim uma aliada, um socorro não só para o Brasil, mas também para o mundo.

Com o passar do tempo, chega um momento em que as pessoas começam a pensar no futuro, no que se aguarda, o que irá acontecer, uns esperam que tudo volte ao "normal", outros que o mundo melhore e tenha mais amor ao próximo, respeito, empatia e compromisso com os deveres quando necessário. Com certeza, essa pandemia deixará sequelas durante muitos anos.

Bom, o recado que minha geração deixa para a geração futura é que tomem cuidado, respeitem os protocolos de segurança que forem aconselhados, fiquem em casa se puderem, respeitem o distanciamento social, tirem tempos para si, para pensar no que fazer, respeitem seus limites, coloquem-se em primeiro lugar, busquem inovar, fazer coisas diferentes, inovadoras, não furem a quarentena e não zoem a dor do próximo, tenham empatia.

Quando saírem, usem máscaras e levem álcool em gel, saia somente para o necessário. Não fiquem presos demais em pensamentos ruins, tentem pensar positivo, criem jogos em família, façam chamadas de vídeo com seus amigos, porque é bem importante, mesmo estando em casa, ter uma vida social. Sejam sinceros com os seus sentimentos, porque, se não, vocês acabarão tendo uma crise existencial muito novos, então, façam exercícios físicos para manter a saúde bem. Sejam felizes, vai passar.

A escola do ensino médio em tempos de pandemia

Juliana Race

No dia 13 de março de 2020, no Colégio Estadual Raja Gabaglia, localizado na região de Campo Grande, Rio de Janeiro (BR), aconteceu o último dia de aula presencial para os alunos, devido à pandemia do novo coronavírus.

Nos primeiros dias sem aula, estava tranquila, mas, como passar do tempo, senti-me irritada, precisava ir à escola, não estava conseguindo atingir o esperado de mim, sempre fui uma aluna muito dedicada, minhas notas sempre eram boas, estava ficando cada vez mais difícil. Em casa, com minha família, estava tudo bem, conversávamos, brincávamos com brincadeiras que havia tempo não fazíamos: passar experiência umas para as outras, criar receitas, preparar comidas, bolos. Também ensinava minhas irmãs. Muitas vezes, ficávamos sem Internet, mas eu estava sem concentração, não conseguia ler livros ou ter foco para estudar.

Era um ano cheios de expectativas, afinal, era meu primeiro ano no ensino médio. A escola passou, através dos professores, a dar aulas pelo aplicativo *Classroom*, por meio de Internet. Foi difícil para os alunos e também para os professores. Foi preciso nos adaptarmos a essa nova ferramenta de estudo, em que nós precisávamos de Internet. O governo “liberou” também alguns livros didáticos, apostilas para alunos que não tinham Internet no ano de 2020.

Nós jovens sofremos por não poder estarmos junto dos nossos colegas, professores, foi algo que ninguém esperava. Pensei até em desistir, porque era algo novo, nunca aconteceu de eu ficar tanto tempo fora da escola, mas superei. Durante esse tempo que fiquei fora da escola, aprendi a usar as novas ferramentas de estudo, aprendi a montar trabalhos, fazer muitas coisas novas, evoluí muito.

As atividades remotas eram muito difíceis no início. Parecia que tinha o triplo de atividade do presencial, mas tive bastante tempo para fazer. As matérias que eu consegui aprender foram espanhol, biologia, artes e educação física, pois os professores faziam videoaulas, vídeos explicativos por via do Youtube, e isso tornava tudo mais fácil. Outras matérias como geografia, história e matemática, eu precisava de explicações, tirar dúvidas mais complexas, então, tive dificuldade.

Com a chegada das vacinas, em 2021, depois de mais de um ano, voltamos com as aulas presenciais, com restrições, distanciamento, ainda sem poder nos tocar. Alguns optaram por continuar estudando através da Internet, em ensino remoto. Estamos superando a cada dia.

Experiência na escola em tempos de pandemia

Lucas Matheus de Oliveira da Silva

Lembro-me de que a última vez em que vi tantas pessoas de máscara foi em minha infância, durante o surto da gripe suína, pela circulação do vírus H1N1. Contudo, diferentemente do que eu já havia vivenciado, desta vez, as máscaras, além da função e necessidade de se proteger, vieram para muitos como peças de moda caracterizadas com uma pluralidade de estampas, cores e adereços. A soma dos impactos provocados pela covid-19 resignificou nossas vidas e percepções sobre a saúde e a solidariedade.

Nas primeiras semanas, o descaso com a doença durante a folia do Carnaval carioca de 2020 permitiram maiores agravantes na saúde de parte da população afetada. A falta de seriedade de muitos dificultou que a contenção do vírus fosse mais eficaz do que sua propagação. Na televisão, anunciavam o primeiro confinamento de duas semanas. Para alguns trabalhadores, seria uma grande folga, para os estudantes, haviam prolongado as férias, mas, nos hospitais, uma grande demanda de casos do novo coronavírus para muitas estruturas hospitalares debilitadas de recursos.

Posteriormente, as duas semanas de confinamento se estenderam para quatro, logo, quatro se arredondaram para oito. Naquela altura, os protocolos de segurança já estavam

sendo quebrados pela maioria que precisava voltar a trabalhar, e os que puderam aproveitar-se da situação de pandemia cresceram financeiramente, como eu.

A primeira oportunidade de trabalho veio como professor particular, apelidado como "explicador", exercendo o papel de aplicar aulas de reforço para um aluno do 3º ano do ensino fundamental (séries iniciais do ensino fundamental). Com a pausa das aulas presenciais nas escolas, os pais/responsáveis adotaram o lugar do explicador, e o explicador, o papel do professor, o pilar educacional de maior importância para as crianças na maioria dos casos.

No meu caso, tive a chance de explorar meus saberes absorvidos do curso normal realizado no ensino médio, no qual obtive uma formação voltada ao docente na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. Consequente a isso, em um longo ano de pandemia e trabalho, diferente do fracasso em tentar ingressar em uma universidade pública, o desemprego já não era um incômodo. Minha relação com os vestibulares era como a de saborear uma sopa de oportunidades com um *fouet* — utensílio culinário formado por arames curvados que se entrelaçam, enquanto presos em um cabo — e, embora as tentativas fossem contínuas, lidar com as frustrações se resumia a culpar os tempos de isolamento e outros cuidados. Talvez, fosse melhor esperar, até que tudo voltasse ao tão esperado "novo normal", ou então, fosse melhor desistir, o que nunca cogitei uma opção.

Inquieto e apressado, o tempo continuava a avançar, eu já me sentia ultrapassado por poucos dos meus amigos que estavam conquistando seus almejos, e mesmo que eu fosse capaz de compreender a noção de trajetória única de

todo indivíduo, ainda existia uma pressão de cobrança vinda de mim, como se, para não estagnar, eu também precisasse avançar, a vida é curta demais para não alcançar seus objetivos neste "agora".

Felizmente, o momento chegou. Fui avisado por parentes sobre um vestibular que eu sequer precisaria sair de casa para fazer, o que já era de se esperar, atentando-se para o cenário que nosso país atravessava naquele período — já ao fim de 2020. Foi reconfortante pensar que eu não teria que fazer um longo trajeto pra fazer uma simples prova, e claro, a inversão de estar em uma sala fechada e silenciosa para o espaço de conforto e relaxado da minha casa. Com tamanha praticidade, lembro-me de ter me questionado: "Por que não?".

Foram dois dias para as provas de vestibular. No primeiro, em uma manhã serena de domingo, abracei-me ao silêncio para focar em cada palavra daquela prova. Eu nunca tinha feito nada parecido; enquanto eu lia cada palavra, mantive minha câmera aberta assim como meu microfone, talvez só fosse possível ouvir o "click" de cada resposta que eu marcava com o mouse e os "tap" de cada letra que eu inseri na redação. As áreas desse dia foram as que me renderam as maiores notas.

Sete dias depois, na primeira semana de novembro, justo no dia do meu aniversário, veio a segunda prova, nunca tinha recebido um presente como esse. Foi em uma tarde preenchida de nuvens e uma leve garoa, com a casa repleta de pessoas. Foi difícil dividir a atenção com meus parentes que festejavam minha própria festa de aniversário sem mim. De certa maneira, eles não entenderam o quão importante era aquele dia para mim, não só por ser o "meu" dia, mas também como o momento

em que eu poderia estar finalmente próximo da conquista de ingressar em uma faculdade. Apesar disso, talvez mesmo que tivessem entendido, não estavam acostumados e preparados para algo incomum, como fazer uma prova em casa. Quem sabe fosse só um "deverzinho" em suas percepções?

Com uma grande ansiedade, dividida entre otimismo e pessimismo, o resultado saiu e a caixa de e-mails do meu celular finalmente recebeu o que eu precisava ler: "Você foi aprovado."; meu ano começou a partir desse exato momento, a nova etapa da minha jornada acadêmica começou.

Estudando em casa, a coisa toda foi diferente, tive que aprender a diferença de EAD (Ensino a Distância) para ensino remoto, pois ainda que meu curso fosse presencial, as medidas de prevenção do covid-19 exigiam que todos os estudos fossem feitos de maneira remota, ou seja, estudaria em casa. Mas, até quando? Não importasse quais mudanças acontecessem, continuaríamos em casa até o final do 1º semestre. Por um fio de esperança, eu acreditava que ainda naquele ano, 2021, voltássemos ao presencial.

Essa experiência única me apresentou um olhar incomum sobre a educação. Meus colegas de classe pareciam relacionar-se de modo bastante colaborativo, como se entendessem e compreendessem um aos outros, mesmo que nunca tivessem se visto pessoalmente. Na primeira semana, quase todas as telas estavam ligadas, essa é a empolgação dos calouros. Na segunda semana, todos ainda continuavam falantes e participativos, ainda que nem todo mundo mantivesse sua câmera ligada.

Não demorou um mês sequer, para restar apenas telas desligadas. Para alguns, havia fotos exuberantes e para outros, apenas a tela preta, como no meu caso. Então, aquilo era tudo que o ensino remoto tinha para me oferecer? Alguns professores só ouviram minha voz nas aulas em que eu tinha que apresentar algum trabalho, e por muitas das vezes, eu achava que nem sabiam quem eu era. Talvez o codinome de "O único garoto daquela turma de pedagogia?".

Os trabalhos e tarefas não paravam de chegar. Por mais flexíveis que fossem, os professores precisavam receber o retorno do aprendizado dos alunos, enquanto mantinham uma relação transparente, até mesmo por alunos como eu, introvertidos e reservados, tão silenciosos que era quase impossível ouvi-los respirando. Apesar das desvantagens em relação à absorção de conteúdo, era uma grande vantagem estar em casa, já que as longas quatro horas de viagem de ida e volta eram redirecionadas para o cumprimento das numerosas atividades.

Se a relação com os colegas e com os conteúdos que não paravam de surgir fosse a única coisa a ser trabalhada nesse novo modelo de ensino em que eu estava imerso, haveria mais histórias boas do que não tão boas assim, visto que o instrumento principal para esse mecanismo de ensino funcionar, concentrava-se na tecnologia.

As incontáveis vezes em que tive que lidar com a falta de Internet e com o mau funcionamento dos aparelhos eletrônicos tornou a experiência do ensino remoto um pesadelo. Por mais cativantes que fossem algumas aulas e meu interesse por elas, não era sempre que a Internet estava em seus melhores momentos. Além

disso, havia também problemas como a falta de luz e o próprio conforto de casa, que, mesmo contra minha vontade, me chamava para uma curta soneca.

Com isso, desenvolvi novas perspectivas sobre a necessidade de estar presencialmente na faculdade, refletindo sobre a necessidade de estar no campus para aprender o que estava conseguindo aprender em casa, mesmo que não da mesma forma. Gradativamente, as medidas de prevenção contra a covid-19 se flexibilizavam, e a expectativa para estar na universidade aumentava, assim como o desejo de suprir a falta da interação e da troca de olhares com todos que dividiam essa experiência comigo.

O ano de 2021 passou tão rápido quanto o de 2020. O ápice da pandemia e do alto índice de casos de contaminados parecia acelerar o tempo ainda mais, e em 2022 viria a acontecer as mudanças que ainda não tinham ocorrido. Aos poucos, o "novo normal" se estabelecia, as praias ficavam cheias, os horários do meio-dia estavam repletos de estudantes circulando pela calçada, aproveitando sua juventude, e os transportes públicos mais cheios do que sempre foram.

Enquanto isso, a faculdade parecia não ter mais o mesmo encanto daquela empolgada percepção de calouro, o que a pandemia fez comigo? O pensamento de terminar a graduação o quanto antes me movia para a enfadonha e claustrofóbica sala de aula, assistir a aula no sofá naquela hora parecia mais satisfatório, acrescentando também as demoradas quatro horas de viagem diárias — esse é o único momento em que o tempo passa em extrema lentidão.

Sentindo-me ultrapassado devido à apressada passagem do tempo e desprivilegiado por não viver o que almejei para o meu "eu" universitário, as expectativas de finalmente encontrar meus colegas presencialmente tornaram-se frustrações, vendo que não houve mudança alguma além de mais dificuldades em comparação ao ensino remoto. Os trabalhos são os mesmos e as pessoas também, a rotina parece mais densa e tediosa pela falta de flexibilidade e conforto, sendo preciso me acostumar ao que um dia foi o comum para todos, mas não para mim. Esse é o maior desafio a ser priorizado para o meu progresso acadêmico.

O "novo normal" trouxe consigo as cicatrizes da pandemia, permitindo também o estabelecer de um "novo eu", que me fez olhar para o futuro com incerteza, porém otimismo, e para o passado, com pequenas dúvidas que mudariam toda minha trajetória, como: "Quais oportunidades surgiriam para mim sem a pandemia?".

Desamparo com estudantes durante a pandemia da Covid-19

Maiza Coelho

Durante esse longo um ano e meio, todos nós tivemos várias fases de nós mesmos, vivemos um longo processo de metamorfose até chegar aos dias de hoje, e chegamos, com mais esperança, mais força, mas também mais noção de nossas fraquezas.

No processo de adaptação ao Ensino a Distância ainda existia a esperança de o ano letivo de 2020 ser presencial. Então, não levamos tão a sério, por achar que o presencial logo voltaria e seguiríamos a vida normalmente com o processo de notas normal. Infelizmente, isso não aconteceu, acabou findando em aprovações automáticas e não entendemos o conteúdo.

Por estudar em colégio normal, o segundo ano do ensino médio é um dos mais aprofundados em relação a estágio e conteúdo, e foi justamente a série que perdi durante a quarentena. Alguns professores até tentaram utilizar o Meet, uma plataforma de aula ao vivo e por vídeo, mas nem sempre era possível estar presente. A aula em casa pode ser atrapalhada por diversos motivos como: Internet ruim, cuidar do irmão ou até não conseguir acordar a tempo, coisa que no presencial pode acontecer, mas é mais raro. Isso acaba dificultando o processo de aprendizagem, e se os futuros professores não aprendem,

como vão ensinar? É complicado demais conseguir conciliar tudo.

Mesmo com todas as adversidades, grande parte dos alunos foi aprovada. Como o sistema faz uma aprovação automática por presença, sem pensar nas consequências que isso pode gerar? Alunos formados no ensino médio sem o conteúdo do terceiro, alunos entrando no ensino fundamental 2 sem o conteúdo básico, e isso resultou em pessoas chegando ao terceiro ano do ensino médio, sem conhecimento básico sobre os conteúdos. Alunos que estudam comigo entraram no curso normal no segundo ano e não tiveram a experiência do dia a dia no Instituto de Educação, que vão sair de lá com um diploma dizendo que possuem capacidade para lecionar, mas nunca fizeram estágio ou apresentaram uma aula presencialmente. Caso queiram seguir a carreira, irão ser os professores das crianças, que são o nosso futuro.

Ser estudante de uma formação tão importante como a de professores já carregava um peso gigante. Durante o EAD, triplicaram esse peso e essa responsabilidade; querer ter conhecimento dos conteúdos se tornou uma responsabilidade única e total nossa, fazendo com que se tornasse mais difícil saber lidar com tudo, a alta demanda de informações, conteúdos e atividades.

Porém, nós alunos estávamos cansados, desgastados com tanta informação ao mesmo tempo, que nossa mente não funcionava como antes e acabava tendo que tirar um tempo para respirar. Só que, nesse tempo, já tinha mais e mais coisas se acumulando e acabava se tornando uma “bola de neve”. Comigo, durante o primeiro ano de pandemia, não foi diferente; conseguia até entregar as

atividades, mas o conteúdo não fixava, fui aprovada, mas não obtive o conhecimento.

Já no segundo ano de pandemia, quando estava acostumando com a plataforma do *Classroom*, o Governo do Rio de Janeiro criou um aplicativo chamado *Applique-se*, e acabamos voltando à estaca zero. Tivemos que nos habituar a uma plataforma que estava fadada ao fracasso, a promessa do aplicativo era de não precisar de conexão com a Internet para funcionar, fazendo com que os alunos sem esse acesso conseguissem acompanhar o mesmo ritmo que os demais. Porém, várias questões do aplicativo fizeram com que os alunos não se adaptassem, e continuamos com o *Classroom*.

Já agora no último ano, a demanda de conteúdos era maior e tive dificuldade de entender os conteúdos pedagógicos. Apenas com o ensino híbrido, as minhas dúvidas foram resolvidas. A formação de professores é isto: recortes, correria de trabalho, uso de EVA, apresentação e outros, a tela do computador limita nossa bagagem de conhecimento e, infelizmente, a pandemia acabou barrando nossa vivência. Por ser do último ano, pude ter a bagagem do primeiro, mas muitas pessoas não tiveram a mesma sorte.

Tendo tudo isso em vista, uma ideia que tive durante esse período foi de se criar uma espécie de dependência de estágio, pelo menos para os alunos do último ano. Nós não nos formaríamos sem cumprir uma carga horária presencial no ano de 2022, seria algo que ficaria pendente e, assim, conseguiríamos ter essa experiência de forma mais rica e completa, como se fossem quatro anos de formação.

Portanto, me formaria uma professora completa e teria mais segurança para um dia entrar em uma sala de aula e

conseguir dominar os assuntos, mas isso não passou de uma ideia na minha cabeça. Hoje, temos acesso a aula *on-line* e presencial, que faz com que se torne menos difícil entender. Mesmo não sendo o ideal para formação de professores, é o que temos disponível e é ao que temos nos adaptado. Mesmo com todos os problemas que o Ensino a Distância e o afastamento social nos geraram, temos que levantar a cabeça, tentar o nosso máximo para entender os conteúdos e seguir em frente, para, futuramente, formarmos seres pensantes, que caso surja um vírus mortal novamente, não deixem virar uma pandemia.

Diário de uma pandemia

Mariana Ferreira

Isolamento, quarentena, pandemia, EAD, quem diria que um dia eu ia passar por isso? Não foi nada planejado e, pra falar a verdade, eu nunca havia imaginado que ia ficar tanto tempo em casa, tudo fechado, com tanto medo e insegurança, sem ir para escola e ter que me virar sozinha para entender os trabalhos e conteúdos das aulas *on-line*. Ter que viver um dia de cada vez mesmo, com tanta ansiedade de querer saber como seria o próximo dia e quando todo o embaraço que esse terrível vírus causou, finalmente, ia terminar e a minha rotina ia voltar ao normal.

Era um isolamento de 15 dias, que já foi assustador, por ver quão rápido essa doença estava se propagando. Os números de óbitos aumentando e os hospitais superlotando, até que se tornou quarentena e, ainda hoje, isso não terminou. Ver tantas pessoas morrendo, outras passando fome, em situação de desemprego e desespero me fez parar para refletir e ter um sentimento chamado gratidão. Em meio a toda essa crise, eu tive o que comer todos os dias, tive e tenho um lar para morar, consegui ajudar outras famílias com situação de vulnerabilidade social e minha família toda se manteve saudável.

Para falar sobre a pandemia, tenho que citar que tive muitas dificuldades ao vivenciá-la, mas não posso deixar de dizer também que me ensinou diversas coisas que na correria do dia a dia eu não percebia e, por muitas vezes,

até reclamava. Porém, com esse isolamento, senti até falta, é aquilo né... Tudo o que acontece de ruim, por mais abominável que pareça, é para ensinar e melhorar.

Realmente, a pandemia veio e abalou muito minha saúde emocional e mental, mas mesmo assim, tenho maturidade suficiente para perceber que, por meio disso, hoje, sou uma pessoa melhor até em relação aos meus sonhos profissionais e pessoais, que nesse período de isolamento, fiquei planejando diversas coisas que hoje em dia estou conseguindo realizar.

Na minha opinião, uma das coisas que mais me deixou nervosa no meio disso tudo foi o fato de que os únicos meios de se proteger era usando máscara, fazendo higienização das mãos, evitando aglomerações e ficando em casa, porque não tinha um medicamento para o tratamento e nenhuma vacina para imunizar a população. Graças à ciência, foi desenvolvida a vacina contra o covid-19, e hoje a melhor coisa que cada um pode fazer, além de seguir as regras de ouro, é ir se vacinar e se imunizar. Assim, você se protege e protege o próximo, é um ato de empatia, cuidado e coragem, para poder vencer essa tão assustadora pandemia.

Em 2020, eu comecei a estudar no C.E. Professor Fernando Antônio Raja Gabaglia, cheguei a ter aula presencial sim, mas poucas, porque, na primeira semana de março, veio o isolamento, a escola fechou, aulas presenciais suspensas e recebi a notícia de que teria aula *on-line* em uma plataforma. Só se passavam trabalhos sem explicações, e isso gerou uma dificuldade para poder estudar ano passado. Depois, entregaram apostilas com conteúdos que nem tinham sido oferecidos ao aluno.

Em 2021, estou cursando o 2º ano do ensino médio no mesmo colégio, e o ano letivo já começou com as aulas remotas, só que este ano, no 1º bimestre, eles começaram a passar conteúdos referentes à série do ano passado, no meu caso, o 1º ano. Além da plataforma já usada no ano passado, agora também foi desenvolvido um aplicativo com *podcasts* e apostila para ajudar a fixar a matéria.

Eu, particularmente, não gostei muito do aplicativo, porque trava muito, mas neste ano, está dando para aprender e entender alguma coisa. Quando eu falo de aula *on-line* em 2021, não posso deixar de citar a professora Ursula de língua estrangeira(espanhol), que fez todas as suas aulas por chamada de vídeo. Ela sempre se colocava no lugar do aluno, tentava ajudar e cessar qualquer dúvida, independente do horário. Até costumo brincar com ela, que quarta-feira (dia que temos aula de espanhol) sem chamada de vídeo ,é sem graça pois já se tornou parte da rotina de estudo mesmo. A companhia dela até nessa nova realidade (*on-line*) me fez muito bem, porque, além de dar uma ótima aula, ela sempre conversava com a gente. Eu admiro muito o cuidado que ela tem comigo e com todos os meus colegas de turma, está sendo maravilhoso ser aluna dessa professora e quero agradecer especialmente a ela, por ter me convidado para participar desse projeto.

A pandemia e os desafios do estudante e profissional da educação

Marylian Mello Rodrigues de Souza

Olá, me chamo Marylian Mello, tenho 20 anos e moro na baixada fluminense, Nova Iguaçu. Estou no 1º período de pedagogia na PUC-Rio e vou descrever a minha experiência enquanto estudante e profissional durante a pandemia.

Terminei o ensino médio no curso normal (magistério), em 2018, e logo após a conclusão, no ano de 2019, recebi uma proposta de emprego, em que eu ocuparia a função de auxiliar de classe na educação infantil. Aceitei a oportunidade e trabalhei no mesmo colégio, durante dois anos e três meses.

No ano de 2020, o mundo enfrentou a pandemia covid-19, com isso, a forma de viver, estudar, ensinar foi totalmente adaptada ao período pandêmico. Tanto os alunos quanto os professores tiveram que buscar todas as opções plausíveis para o devido progresso dos estudos, consequentemente, vieram os obstáculos dessa jornada.

Cansaço Mental e físico enquanto Profissional

Primordialmente, o meu primeiro obstáculo enquanto profissional e aluna, foi compreender e assimilar, de forma psicológica, o período, que,

juntamente com o mundo, eu estava enfrentando. Lembro-me de que o primeiro choque de realidade foi quando se anunciou oficialmente a quarentena. Eu não estava acostumada a dar aula ou estudar somente em casa, ter que assistir, gravar, editar e postar as aulas em plataformas, que até então não eram desconhecidas, demandaram de mim coragem para não desistir.

Toda coragem e assimilação exigidas rapidamente me trouxeram diversos malefícios, tanto à minha saúde mental quanto à saúde física. Nesse período, eu enfrentei crises de ansiedade, enxaquecas, crises de amigdalite, infecções de furunculoses, devido à baixa imunidade causada pelo estresse.

Lembro-me que, no ano de 2021, estávamos retornando parcialmente para as atividades presenciais, e, nessa volta, eu não era a mesma. Nesse momento, eu consegui uma turma para assumir como professora regente, estava tudo certo, era uma turma que tinha tudo para dar certo, porém, eu não era a mesma.

Todo o acúmulo de pressão sobre mim resultou em crises de pânico eventuais. Todos os dias, quando eu acordava e me levantava para ir trabalhar, eu entrava em crise. Toda a autocobrança, perfeccionismo, que eu utilizei no ano anterior, estavam mais intensos no ano que tinha tudo para ser um ano “normal”. Uma vez que o meu trabalho estava surpreendentemente indo bem, eu não ia nada bem. Até que um dia, eu não aguentei e pedi a minha carta de demissão. Toda a cobrança, autocrítica e perfeccionismo não terminaram, pelo contrário, só mudaram os motivos.

Cansaço mental e físico enquanto estudante

Enquanto toda essa experiência profissional chegava ao fim, por outro lado, dava-se início a uma nova realidade como estudante pré-vestibulanda.

Assim que saí do meu emprego, começou a reacender em mim o desejo de ingressar numa faculdade. Em abril de 2021, comecei a pesquisar na Internet cursos preparatórios para vestibulares que fossem gratuitos, pois estava desempregada e meus pais não tinham com pagar um cursinho. Encontrei o Pré-vestibular Social (PVS) da Fundação Cecierj.

Logo que vi a inscrição aberta, me inscrevi e tive que esperar o sorteio. Mas não fui sorteada. Fiquei triste, porque eu precisava dessa oportunidade. No entanto, passou um tempo e recebi a informação de que eu poderia entrar na turma, pois seria *on-line*. Com isso, já fiquei mais tranquila.

No decorrer das aulas, fui me aproximando das disciplinas com que mais tinha afinidade e as que eu não tinha, eu não consegui assimilar quase nada. Faltava ali o auxílio do professor, eu estava acostumada a estudar presencialmente, e tudo me deixava desanimada. Nesse período, as aulas eram gravadas pelos professores e tinha uma aula síncrona de cada disciplina 1h por semana. Eu precisava conciliar os estudos, a casa e a situação financeira. Como resultado, acabei desistindo de algumas aulas, só conseguia assistir às aulas de redação.

Ao longo do tempo, apareceu uma oportunidade de estudar em outro Pré-Vestibular Social, dessa vez foi o pré-vestibular comunitário da PUC-Rio, o Seja Mais. Em agosto de 2021, eu me inscrevi, fiz a prova de nivelamento

e passei. O meu primeiro desafios no curso foi a minha baixa autoestima em relação a alguns assuntos que eu não fazia ideia de como lidar. Eu me lembro de que, certa vez, eu estava na aula de matemática e fiquei tão chateada por não saber e entender o assunto, que não consegui assistir à aula. Ou até mesmo quando um professor passava uma redação, e eu simplesmente não sabia nem como começar.

Confesso que nesses momentos, a comparação me matou, porque eu pensava “Meu Deus, será que eu sou tão burra, a ponto de não conseguir elaborar uma redação simples?” Ou às vezes, na verdade, muitas vezes, eu sentia estar atrasada com tudo, e a pandemia, de certa forma, acentuou esse sentimento, de que eu poderia estar incompleta em relação ao ensino que eu estava recebendo.

Como se não bastasse o fato de eu estar com problemas na aprendizagem, falta de concentração e desempregada, ainda tinha a questão tecnológica, pois as aulas e atividades exigiam de mim um conhecimento básico tecnológico, mas a questão era: “Como saber algo que você nunca aprendeu?”. Talvez, você leitor, já deve ter se deparado com a mesma incógnita.

Com a pandemia, todos nós tivemos que nos reinventar, e eu, que sempre estudei em escola pública e sempre tive uma renda baixa, não senti que toda a adaptação feita para a pandemia foi pensada para todos. O apoio de psicólogos, terapia, educação, tecnologia não foi para todos; muitas pessoas como eu, talvez, você leitor, teve que se reinventar nesse processo, causou-me dores e danos que hoje eu consigo enfrentar melhor.

O desafio no vestibular

Durante todos esses traumas, eu nunca entendi de fato o que me fazia permanecer. Eu acredito fielmente que nada que acontece foge do controle de Deus, todas as minhas lutas e, acredite, a de vocês também, Deus já sabia que aconteceria. E durante esse processo pandêmico, foi essencial saber o que eu queria, porque desistir foi uma opção tentadora.

As fraquezas e a falta de motivação começaram a tomar conta de mim. Existiram diversas coisas que me fizeram ficar firme. A primeira foi ter a minha fé firmada em Cristo, aquele que Reina sobre a minha vida; e a outra foi saber de fato o que eu queria, e o diálogo entre o gato Cheshire e Alice mostra claramente o que eu fiz para permanecer.

‘O Gato apenas sorriu quando viu Alice.

Parecia de boa índole, ela pensou, mas não deixava de ter garras muito longas e um número respeitável de dentes, por isso, ela sentiu que devia ser tratado com respeito.

– Gatinho de Cheshire – começou um pouco tímida, pois não sabia se ele gostaria do nome, mas ele abriu mais o sorriso. – Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?

– Isso depende bastante de onde você quer chegar – disse o Gato.

– O lugar não me importa muito – disse Alice.

– Então não importa que caminho você vai tomar... – disse o Gato.

– ... desde que eu chegue a algum lugar – acrescentou Alice em forma de explicação.

– *Oh, você vai certamente chegar a algum lugar – disse o Gato – se caminhar bastante.*

CARROLL, L., *Alice no País das Maravilhas*, 1865.

Eu aprendi que, mesmo não tendo objetivos, chegaremos a algum lugar, não temos controle sobre isso. Agora, se eu tenho um objetivo, importa qual caminho e quais sacrifícios terei que fazer para chegar até ele. E olha, eu sei que esse livro tem como o tema a pandemia, mas você que está lendo talvez não esteja em uma situação de quarentena. Então, pare neste exato momento e pense sobre o seu caminho, ele bate com onde você quer chegar?

Foi exatamente essa questão que me fez permanecer durante a pandemia, entendi que eu queria ingressar numa faculdade, comecei a estudar com mais disciplina, dando o melhor que eu podia no momento. Corri atrás, me inscrevi nos vestibulares da Uerj, do Inep, do Cecierj e da PUC-Rio. Fiz todos os vestibulares, menos o da Uerj, me classifiquei no da Fundação Cecierj, o Cederj, mas não fui convocada.

Fiz o da PUC-Rio, e o primeiro obstáculo foi a questão das provas serem em modelo virtual devido à pandemia. Minha mãe também se inscreveu no vestibular. Assim, acabei ficando sem o computador pra fazer, fora que a minha Internet estava instável.

Liguei para os meus tios que moram em Mesquita e perguntei se eu poderia fazer a prova na casa deles, eles aceitaram e marquei o dia. No primeiro dia, eu fiz na casa de um e usei o *notebook* da minha prima. Abri o programa, que era muito difícil pra mim. Como a pandemia exigiu de nós conhecimentos que a gente não tinha... Fiz a prova e concluí o primeiro dia.

Na semana seguinte, realizei a prova na casa de outro tio, mas, nesse dia, deu tudo errado. Não consegui abrir o aplicativo da prova, eu teria que fazer um procedimento de informática e eu não fazia ideia de qual seria ele. Naquele momento, eu tentei de tudo, tentei resetar, mas não poderia, pois o computador não era meu. Eu parei, fechei o computador e comecei a chorar. Fui pra casa meio decepcionada, pois eu queria muito entrar na PUC-Rio.

Passados alguns meses, eu me conformei com o que tinha acontecido. Fiquei frustrada, o que era normal, né? Ao longo do tempo, começaram a chegar os resultados, e eu vendo que fiquei no “quase” me entristeceu muito. E foi aí que a minha prima disse o seguinte:

“Mary não depende de você ser aprovada, depende de você apenas estudar!”

E foi aí, que entendi que precisava estudar mais um pouquinho, mesmo capengando, eu estudava um pouquinho. Nesse período, eu já estava olhando para os futuros vestibulares e preocupada se seriam *on-line* e quando seriam. Até que chegou um e-mail da PUC, dizendo que eu tinha sido aprovada no vestibular pelo Enem. Aí, eu fiquei “meu Deus, como eu vou pagar?” - pensei em todas as coisas que fariam a minha entrada na universidade, comecei a olhar as bolsas e quais seriam as possibilidades de eu conseguir uma. Meu pai sendo funcionário da PUC, eu poderia ter a possibilidade da bolsa “dependente de funcionário”. Buscamos informações e conseguimos as respostas, eu consegui, entrei na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No dia 08/03/2022, tive meu primeiro dia como caloura de pedagogia, o sistema ainda está voltando ao

normal. Estamos em modelo híbrido, não sei quais serão os próximos desafios, mais exatamente aonde quero chegar e o que quero ser. Por conseguinte, chegarei ao lugar, o meu lugar!

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz e os seus planos serão bem-sucedidos. Provérbios 16.3”

E se você, que igual a mim, enfrentou ou enfrenta os desafios que eu enfrentei, descansa seu coração e faz a sua parte, que o restante virá!

O que aconteceu?

Phelipe Esteves

Recebi da universidade que estudo, por email, uma chamada para narrativas de jovens durante a pandemia do covid-19. Os alunos e alunas da universidade tiveram dois anos de aulas não-presenciais durante 2020 e 2021.

De janeiro a fevereiro de 2020, eu tinha feito um intercâmbio pela universidade, estava em Berlim. De lá, vi os noticiários sobre um vírus na China, mas confesso que não acreditei muito. No aeroporto, de volta ao Rio, vi algumas pessoas utilizando a máscara. Cheguei e pulei o Carnaval. Lembro-me de que já tinha duas semanas de aulas e aí chegou, de fato, a pandemia aqui no Brasil.

A pandemia foi horrível. Minha mãe ficou internada oito semanas. Seis semanas entubada. Eu continuei meus estudos e tive bastante experiências significativas de aprendizagem, outras, melhor manter esquecidas. Decidi escrever sobre uma dessas experiências que começou antes mesmo do anúncio da pandemia.

O que aconteceu? Entrou uma menina apavorada na sala, chorando bastante. - Era uma sexta-feira, aula de Língua Brasileira de Sinais. O professor divide uma hora, comunicando-se por sinais, e outra, levantando questões teóricas e políticas sobre a comunidade surda. Confesso que fiquei nervoso com a primeira parte da aula, pois eu não entendia nada. O professor falava “grego”. Será que eu estava na aula certa? Ah, sim, eu estava.

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua como qualquer outra. Quando não se fala emitindo sons, o resultado é o silêncio, que pairava naquele espaço de carteiras posicionadas circularmente e uma caixa de giz, sem giz, no canto inferior do quadro. Não tinha apagador para apagar minha cara de: “Gente, o que o professor está falando?” Mas não era somente eu. A minha cara de perdido era compartilhada com os outros alunos e alunas, que também apresentavam os mesmos sintomas. Viam-se muitos gestos e gente não entendendo nada. Imaginei o quanto é difícil ser uma pessoa surda na sociedade.

Ainda assim, na minha lógica, estar lá era frutífero. Eu, particularmente, gosto muito das aulas dadas por diferentes cursos de graduação. Era sempre a chance de conhecer outra galera. Adoro conhecer pessoas de outros cursos, que leem outros autores, trilharam outros caminhos, experimentaram outras metodologias. São outras perspectivas, não é? Me conhecendo, depois do primeiro trabalho em grupo, já não quero ser mais amigo de ninguém.

Entretanto, dessa vez, não rolou muitas amizades. O relógio marcava 7h16, quando uma menina apavorada entrou. Sua entrada abrupta interrompeu o silêncio da aula, que o professor prezava tanto. A menina chorava e o professor gesticulava. Eu não estava entendendo nem o professor, nem a aluna, uma suposta nova colega. Não ficamos amigos: ela anunciava com lágrimas a pandemia lá fora. Eu comecei a discutir com ela sobre o combinado da aula de língua brasileira de sinais: das 7h às 8h, ficaríamos calados e, no fim do semestre, talvez, a gente conseguisse se comunicar em Libras. O professor tinha combinado as regras na primeira aula, na sexta anterior.

Olivia -o nome é fictício dessa menina branca, de estatura média, de cabelos lisos castanhos e de olhos grandes e chorosos - entrou na sala, violentamente pela porta, (coitada da porta) chorando, falando alto, um pouco descontrolada. Fato. E todo fato é real, vocês já sabem disso.

Diante da situação, o professor manteve o *status quo* de professor de língua: não podia falar português. Eu fui o único aluno a dizer para Olívia, que estava ainda em prantos, por trezentos e sessenta segundos: _ Oi, calma, fica quieta, é a primeira parte da aula. É proibido falar português. Obviamente, Olívia não seria a minha mais nova colega da faculdade, como a Daniele de letras, o Gabriel de história, que cruzei muitas vezes pela biblioteca no terceiro andar, e achava ele um gato, a Bia com i, de filosofia, o Vitor de biologia e o JC de engenharia. Não me lembro qual engenharia, creio que era eletrônica ou elétrica. Alguém sabe a diferença?

Às 8h50, já estava com fome. Meu estômago reclamava por um café preto sem açúcar e um pão-de-queijo que me dá azia, mas insisto em comer. Tenho uma teoria: são os pães-de-queijo da faculdade que me estufam. É um auto implante de uma nano bomba atômica. Os mais baratos me dão um desconforto estomacal, de forma desproporcional e, inversamente, no final do dia, me custam mais caro: uma passada na drogaria mais próxima.

O professor, geralmente, fazia jus ao momento em que podíamos falar português: falou até às 9h. Geralmente, eu dou tchau para o professor ou faço contato visual, do tipo: até sexta-que-vem. Mas, corri para o café e pão-de-azia-de-queijo, caso contrário, eu ia chegar

atrasado para minha outra aula, em outro departamento (as aulas terminam às nove e as seguintes começam às nove, a gente precisa se teletransportar e enfrentar as leis físicas). Eu e o professor nunca mais nos vimos *tête-à-tête*. O que aconteceu? - não existiu a sexta-que-vem.

Na segunda semana de suspensão das aulas presenciais, já tivemos algumas aulas remotas. A minha universidade, em uma semana, já tinha um plano de ação. Já usávamos algumas plataformas. Tive contato com o Zoom pela primeira vez. Estágio *on-line*, pode acreditar. Mas, as aulas de língua de sinais se iniciaram pelo WhatsApp. Pode acreditar II.

Não imaginei que o professor preferisse o WhatsApp para dar aulas, diante de outras ferramentas. Eu fiquei pretérito-mais-que-perfeito. Estava estudando seis disciplinas. Alternávamos encontros *on-line* e usávamos o Moodle, mas nessa disciplina era pelo WhatsApp. Pode mesmo acreditar III. O professor mandava áudios e os alunos respondiam, via de mensagem de texto ou mensagens de voz. Foi um pesadelo.

Encontrávamo-nos, todas as sextas, às 7h da manhã. Mentira. Nem todas as sextas. Algumas 7h15min. Lamentavelmente, as aulas foram muito entediantes. O primeiro pensamento que vem, imaturo e sem reflexão, é o seguinte: posso fazer a aula da cama e não comerei o pão-de-queijo-detonador. Mas confesso: preguiça e depois depressão. Durante a pandemia, fiquei uma semana só levantando da cama para as aulas e para o trabalho *on-line*.

Eu era um avatar. Em qualquer intervalo, eu voltava para meu quarto, mas eu já estava todo tempo no meu quarto. Eu ia para cama dormir. Sortemente, já fiz terapia há

muitos anos atrás e pude perceber que eu não estava bem emocionalmente. Por fim, a pandemia me tocou de forma mais íntima e orgânica, sem ser de forma viral. Eu não queria pegar o vírus, mas fiquei na expectativa. A depressão era visceral e estava dividindo o meu quarto comigo.

Um dia, o professor disse que estava sem internet e que já tinha gastado todo o pacote de dados. Por isso, não era possível, naquela sexta-feira pandêmica, passar mensagens de voz. A gente, por acaso, morava no mesmo bairro, que não tem realmente uma internet estável e tem muitos prédios velhos. Eu ainda tinha o *modem* na sala.

A avaliação dessa disciplina foi fazer um vídeo se apresentando em na nova língua. Que fiasco. Os debates eram mais teóricos, não aprendi muitos os sinais. O professor disse que deveríamos fazer uma pesquisa. A aula pelo WhatsApp não contribuía muito. O professor nem sempre estava tão disponível, imagino que tinha muitas turmas e percebi que a tecnologia não era sua aliada.

Eu falei com amigos e amigas que já tinham cursado essa matéria (os professores poderiam vir com um *trailer*, assim a gente evitava equívocos) sobre como seria a avaliação. Lembro-me que passei uma madrugada pesquisando. Quase me inscrevi num curso para aprender a língua brasileira de sinais, mas engoli a seco, uma nota 7,5. Esqueci de falar que sou exigente e me cobro muito em relação às notas, mesmo sabendo que esse número, muitas vezes, não representa o real conhecimento. Não obstante, o histórico tem o CR e prefiro mantê-lo nas alturas.

Falaram que a pandemia ia acabar rápido. Já estávamos caminhando para o final do semestre. E a pandemia bombando. A segunda avaliação foi uma

apresentação. Não lembro o que nós decidimos falar, mas me recordo que dividi a apresentação com um garoto, que também não lembro o nome, de geografia. Fiasco II. O rapaz nunca tinha internet, nunca podia se encontrar para acertar os detalhes do nosso trabalho em dupla. Ele nunca tinha “ido” às aulas pelo WhatsApp. Preferi fazer o trabalho todo e dizer a ele com qual parte poderia ficar. Tive um trabalho gigante. Ele, ao final, agradeceu a nota 10 e disse que, no futuro, a gente poderia se encontrar em outras disciplinas. Que futuro? O que aconteceu com o futuro? Eu fiz uma cara do tipo: nunca mais eu faço nenhum trabalho com você.

Não sei se rezei por ser batizado ou por ser católico de mentira-verdade. Tanto faz. O que importa é que eu estava sedento pelo fim do semestre. O professor, no último mês, tinha começado a usar o Zoom. Alguns poucos alunos, alunas e o professor tinham a câmera aberta. Por fim, o professor se despediu do semestre. Contou o quanto foi difícil para ele administrar as aulas *on-line*.

Eu nunca pensei que poderia ter sido também difícil para ele. A gente acha que professor é herói. Era fácil criticar e, como estudo pedagogia, sempre estou analisando a prática pedagógica dos meus professores. E eu tinha bons exemplos das outras aulas: música para esperar os alunos atrasados das aulas *on-line*, intervalos cedidos para esticar as pernas, momentos de estética ao iniciar uma aula, o entendimento de que duas horas de aulas não eram a mesma coisa que duas horas de aulas presenciais.

Voltando para o Zoom, o professor agradeceu a paciência que tivemos. Mal sabe ele que o que eu não tinha era muita paciência. Ao final, o professor disse que

tinha gostado muito das apresentações e deu destaque à minha, com o tal garoto, que ainda não lembro o nome, na altura deste parágrafo. O professor perguntou se alguém tinha algo para falar. Começou a chamar pelos nomes: oi, Marcos, você está aí? Ana Clara? Querem falar algo? - parecia que estávamos numa mesa espírita. Os de câmeras fechadas - sempre duvidei que estavam - também tinham o microfone fechado. Eu e a Olívia éramos os únicos de câmera aberta. Ninguém disse nada e eu, então, disse: Professor, obrigado por tudo. E o que aconteceu? O professor chorou.

O desespero e a tranquilidade

Raquel dos Santos Silva

No final de 2019, o início de uma pandemia veio como notícia. Estava tudo normal, até que veio a notícia de que um vírus estava se espalhando no mundo e matando centenas de pessoas. O nome do vírus era coronavírus, os seus efeitos pareciam simples, um resfriado, mas que podia ficar mais forte, deixando as vítimas com falta de ar e até levar a óbito.

No Brasil, o vírus não havia se alastrado, mas depois do dia 17 de março de 2020, as coisas pioraram, tivemos a notícia de que um brasileiro tinha sido contaminado e espalhou para outras pessoas. A partir daí, várias lojas tiveram que fechar e as escolas também. Só as farmácias, os mercados e padarias continuaram abertos.

Todos deveriam ficar em casa em quarentena, os que saíssem deveriam usar máscara, mas só poderiam sair se fosse coisa importante. Tudo isso foi muito difícil para mim, saber que íamos ficar em isolamento por 15 dias, que não íamos mais ter uma vida normal, que pessoas estavam morrendo, mexeu com meu psicológico.

Nesse tempo de isolamento, parecia que eu estava enjaulada, com poucas esperanças de que tudo iria voltar ao normal. Fiquei preocupada com minha família, pois meus pais trabalhavam em mercado, tendo chances de se contaminarem, apesar de se cuidarem muito. Ao chegar em casa, mal falavam comigo e com a minha irmã, pois

tinham medo de terem pegado o vírus e nos contaminarem.

O pior foi quando percebemos que o vírus e a pandemia iam durar mais tempo. Isso fez com que ficássemos estressados, pois não podíamos sair de casa. Só aumentou nossa preocupação, inclusive em termos de higiene, contra a covid-19. Nossas emoções pioraram. Eu, todas as noites, tinha crises de ansiedade, me prejudicou muito, a relação que eu tinha com a minha família mudou completamente. Quando meus pais saíam para trabalhar, eu tomava conta da minha irmã e brigávamos muito. Nossos pais não tinham muito contato com a gente, a forma de carinho mudou, não tinha mais abraços e nem beijos, só conversas a distância. O que tinha de bom era que, como meus pais trabalhavam em mercado, não faltava alimentos e nem dinheiro.

Porém, nesse tempo, minha mãe ficou resfriada, e isso nos prejudicou. Ela não foi trabalhar, tínhamos que ajudar para que ela pudesse se recuperar.

O desânimo só aumentava e a vontade de estudar também. Finalmente, as aulas começariam, mas de um jeito diferente. As aulas seriam *on-line*. No começo, era tudo mais fácil, eu estava aprendendo melhor, minha mente não estava muito confusa e o estresse com o estudo acabou, mas isso durou pouco.

As aulas da minha irmã também estavam *on-line*, eu deixava então os meus trabalhos de lado e ia ajudá-la. Isso fez com que eu acumulasse muitas tarefas e eu desisti de fazê-las, pois ficaram tantas que eu não sabia por onde começar. Era horrível pedir explicação, e os professores passavam muitos trabalhos, não sabia o que fazer. A opção foi desistir, na minha mente, não valia a pena ser

aprovada no boletim, já que não tinha aprendido nada. Se eu ficasse reprovada, teria mais uma chance de aprender. Depois, vi que isso seria ruim, resolvi fazer as atividades e fui aprovada.

2021 chegou e agora estou no segundo ano do ensino médio, fazendo todos os trabalhos sem estresse e aprendendo melhor, já que é só uma fase e vale a pena estudar, mesmo nesses tempos difíceis.

Olho pelo lado bom, as vacinas estão aí e isso faz toda a diferença. 2020 foi um ano de muitas mortes, e em 2021 as vacinas podem ajudar a diminuir esses casos. Na minha opinião, a vacina é supereficaz para combater a covid-19. Ela nos ajuda a termos a imunidade mais alta para combater essa doença e pode salvar muitas vidas, mas parte da sociedade não aprova a vacinação.

O Brasil também está muito lento em relação a isso, e muitos dos brasileiros só tomaram a primeira dose. Todos sabem que é importante tomar a segunda dose também, mas, por conta dos efeitos colaterais que algumas pessoas tiveram, elas não voltam. Não devemos sentir medo, vacinem-se e continuem a usar máscaras, colocar álcool em gel, pois a pandemia não acabou.

As coisas não são fáceis, mas espero que tudo volte ao normal e que as coisas inovadoras mudem esse mundo para melhor. Que essa pandemia acabe, para que possamos realizar nossos sonhos. Não sabemos o que o futuro nos reserva, mas podemos olhar para frente com otimismo e determinação. Muitos se foram, muitos ficaram e temos o dever de mudar o mundo. Espero que possamos vê-lo com outros olhos, que a gente possa fazer a diferença, ajudar quem mais precisa para que o futuro seja melhor, podemos superar essa crise, vencer essa doença.

Espero que isso não ocorra mais, mas se, no futuro, acontecer novamente, espero que as pessoas tenham consciência e capacidade para combater melhor a pandemia e que saibam se proteger, ter mais atenção ao que têm que fazer, que se protejam mais.

Uma pandemia não é nada fácil e fazer uma vacina também não, então, não esperem alguém agir, ajam primeiro, deem valor aos especialistas de saúde. A vida de um médico numa pandemia não é fácil, a de um paciente menos ainda, pois os dois podem ser vítimas de um vírus mortal. Cuidem-se e cuidem de quem é mais importante para vocês.

Tempos de pandemia

Samuel do Nascimento Carola

No início, pensei que seria muito simples para o Brasil controlar uma pandemia, por conta de o vírus ter chegado aqui dois meses depois da notícia de sua propagação mundial. Mas já tinha em mente o que a doença se tornaria. Caso ela não fosse controlada, poderia se tornar algo semelhante à outras pandemias que já ocorreram no mundo, como a peste negra, cólera e outras que mataram milhares de pessoas pelo mundo.

Assim como no texto do Gabriel Garcia Márquez, os diários de notícia e os telejornais começaram a divulgar a notícia de que os números de contaminados e mortos estavam aumentando em todo o país. Isso me fez ficar desesperado, além disso, a maioria das pessoas que morriam pela doença eram idosos ou quem possuía alguma comorbidade. Meu maior medo era que alguém da minha família fosse contaminado, principalmente, a minha mãe, pois possui comorbidade.

O mais difícil foi tentar me proteger enquanto tentava proteger outra pessoa, pessoas que são importantes para mim, o que acabou se tornando um desafio. Logo depois das notícias de que o coronavírus estava se espalhando muito rápido pelo país, as aulas foram suspensas por 15 dias. Confesso que, no início, fiquei feliz, mas logo em seguida, me perguntei por que estávamos duas semanas em casa. Era por um bom

motivo, mas nem tanto, era para tentar proteger os alunos e seus familiares dessa doença.

Durante esses 15 dias de isolamento, eu já havia percebido que não iriam ser só duas semanas, simplesmente porque as pessoas não estavam cumprindo o isolamento, fazendo aglomerações, curtindo festas. Isso fez com que os números de contaminados e mortos subisse. Foi o suficiente para que as duas semanas se tornassem meses. Durante esse período, ninguém da minha família mais próxima a mim, como a minha mãe, meu pai e irmãos havia sido contaminado pelo coronavírus, só os mais distantes, mas com sintomas leves.

Até que dia 22 de janeiro de 2021, recebemos a notícia que a minha avó materna, minha única avó, havia morrido pelo tal vírus. Esse foi o dia mais triste para a minha família, principalmente, para a minha mãe. Não a víamos desde 2009, ou seja, havia 12 anos. A gente só se viu por foto, se falou por ligação ou chamada de vídeo, pelo simples fato de ela morar longe, em João Pessoa – Paraíba.

Ela partiu sem que eu, minha mãe e meus irmãos sequer déssemos um último abraço, beijo. Nesse tempo, eu esqueci o cheiro dela, o amor que ela transmitia, tudo. Minha mãe podia ter comprado uma passagem aérea para ir visitá-la, mas não, ela queria ir com todos os filhos, para todos matarem a saudade de uma só vez, e isso não foi possível, não tinha como comprar seis passagens. Enfim, foi uma fase difícil, sentimos na pele como é perder algum ente querido. Nosso maior medo era de que alguns de nós pegássemos o coronavírus e tivéssemos que passar por uma situação semelhante.

Nossa única dificuldade foi emocional, por conta do falecimento da minha avó. Nós nunca tivemos outros

problemas, como financeiros, uma situação econômica crítica, nunca faltou nada em casa. Mesmo na pandemia, a minha mãe continuou trabalhando, e o meu pai é aposentado.

Voltando a 2020, quando a pandemia começou aqui no país, todas as escolas suspenderam suas aulas e estavam aplicando atividades por um aplicativo no celular, mas eu não tinha um. No começo, não sabia que estava tendo aulas remotas, porque a escola mandou um e-mail para o celular da minha irmã mais velha, que mora um pouco longe e ela só foi ver essa mensagem meses depois.

Eu continuava sem celular e não tinha com pegar um emprestado, justamente por as pessoas da minha família também o usarem para atividades de escola ou trabalho. Nesse curto período sem celular, eu estudava por livros, videoaulas, pesquisa, mas enquanto fazia dessa maneira, pensava em como as minhas notas e faltas estavam, se eu não fazia as atividades que os meus professores enviavam, que era a maneira certa de se fazer. Com isso, a minha cabeça ficou cheia, não conseguia estudar, não conseguia dormir direito, pensava no trabalho que mandavam no aplicativo que eu não podia entregar no dia seguinte, pois estava sem celular...

Isso tudo, uma pandemia, em isolamento social, tentando me proteger ao mesmo tempo em que protegia outros, fez com que eu desenvolvesse ansiedade. Teve dias que eram para ser bons, mas não estava conseguindo ficar feliz; poderia estar com um sorriso no rosto, mas eu estava triste, confuso, não sabia se ria ou chorava. Tinha momentos que me deixavam feliz, era quando minha família estava comigo, por um pequeno instante, eu esquecia tudo que me deixava mal.

Enfim, no final novembro de 2020, a escola ligou para a minha mãe, falando que era para ir lá pegar um plano de estudos, que contaria como a nota de todos os bimestres que eu perdi. Só que eu tinha um prazo de entrega de uma semana e tinha muitas questões, mas, no fim, eu consegui entregar.

No dia 09 de dezembro, um dia depois do meu aniversário, ganhei um celular de presente, o que me deixou feliz, porque eu não ia passar por uma situação escolar semelhante no ano seguinte.

Em 2021, como eu já havia imaginado, foi bem diferente do ano anterior. Está sendo um ano em que eu estou me sentindo melhor comigo mesmo, estou conseguindo me adaptar melhor às atividades propostas pelos professores, minhas notas e faltas estão boas. No início do ano, foi um pouco ruim, por conta da minha avó, mas estamos bem, estou bem e seguindo firme e forte.

Apesar de 2020 ter sido um ano meio caótico, teve um ponto positivo, uma coisa boa, que me fez ficar um pouco aliviado. Digamos que para outras pessoas também foi um alívio, que foi a notícia de que vacinas contra o coronavírus estavam sendo desenvolvidas.

Bom, não demorou muito para essas vacinas ficarem prontas e poderem ser disponibilizadas para a população. Ela não fazia com que a pessoa nunca mais pegasse a doença, mas fazia com que não desenvolvessem complicações, sintomas mais graves, o que já era de grande ajuda. Mas as vacinas não foram entregues para população.

Nesse mesmo ano, o Governo Bolsonaro recusou diversas ofertas de vacinas, uma delas chegava a 70 milhões de doses para serem entregues em dezembro

desse mesmo ano. Só por esse ato, percebe-se claramente que o texto "Os ninguéns" de Eduardo Galeano, que realmente nós, a população mais pobre, somos ninguém na sociedade, nós somos "os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada". Isso nos faz refletir muito, somos excluídos, é a mesma coisa de "Se der para comprar, a gente compra, se não der, ficam sem". Isso faz com que as pessoas percam a confiança no governo e no atual presidente, o que é mais que justo; e não é um pensamento só meu, pessoas poderiam ter sido salvas com essas milhões de vacinas recusadas.

A covid-19 mudou muito as nossas vidas, e não foi só nas nossas rotinas diárias nesses meses de isolamento em que não podemos ir mais a escola, sair com amigos, curtir festas, ir em nossos lugares favoritos; mas, principalmente, pelo abalo da nossa saúde mental. Tudo mudou no nosso cotidiano, porém, espero que no futuro, não muito distante, tudo volte ao normal.

Não será o mesmo normal, será um novo normal, como se estivéssemos vivendo em um novo mundo. A adaptação será difícil, irá demorar para que as pessoas voltem a ser felizes e tranquilas. No começo, vai ser tenso, mas, no final do túnel, sempre haverá uma luz, os tempos difíceis irão passar. Realmente, não é nada fácil viver em uma pandemia, e a única forma de vencê-la é tentar fazer tudo o que for possível para se proteger. E, se tiver vacinas disponíveis, não hesite em tomá-las, quão mais rápido você contribuir, mais rápido essa pandemia passará.

Passar por uma pandemia não é nada fácil, é bem mais difícil do que eu imaginava, foi e é uma experiência horrível viver em meio a uma pandemia, ainda mais se for viver em uma situação como essa, com um governo que

não ajuda a população o suficiente para tentar sobreviver. Não desejo isso para ninguém, nem para a pior pessoa do mundo, principalmente, para as gerações futuras.

Caso essas gerações passem por uma pandemia, tentem manter a calma, por mais difícil que seja. Com o tempo, as coisas vão melhorar, as pessoas vão se habituar à situação. Cuidem da sua saúde, seja ela mental, emocional, física, sintam-se bem vocês mesmos. Sigam todos os protocolos de segurança que forem implementados. Provavelmente, haverá perdas, seja um amigo, vizinho, alguém da família, mas se mantenha otimista, porque, embora demore, sempre haverá solução, vacinas serão desenvolvidas, remédios serão feitos, e você terá a sua oportunidade de estar protegido. Após todos estarem vacinados e em segurança, tudo irá voltar ao normal, talvez não seja um normal como era antes, mas tente se adaptar à nova realidade.

“Dando um jeitinho”: vivendo o ensino médio pandêmico

Sofia Lins Moreira

Durante o último ano e seis meses, o Brasil e o mundo viveram (e ainda vivem) a pandemia do covid-19, que afetou todos os setores da sociedade, dentre eles, a educação. Eu me chamo Sofia, tenho 17 anos, estou no 3º ano do ensino médio e vou compartilhar um pouco de como foi, e está sendo, experienciar a maior parte do 2º grau através das aulas *on-line*.

Para isso, volto ao início de março de 2020, ainda antes da pandemia, ainda antes do isolamento social, ainda antes do caos. Naquele momento, encontrava-me no início do 2º ano, com 16 anos e diversas expectativas, vivia um bom período na escola. Lembro-me se que me preparava para as primeiras avaliações, mas ainda existia alguma animação típica de começos.

Então, chegou a pandemia. De início, fiquei feliz, havia ganhado duas semanas de “férias”. Depois mais uma semana, e outra, e outra. Logo eu já não estava em ritmo de aula, me comportava como se de fato estivesse em tempo livre. À época, sabia que isso teria consequências, mas não pensava a respeito, talvez perdesse o recesso de fim de ano, não importava.

Em paralelo a isso, toda a energia que não gastava estudando, canalizava para o consumo de mídia. Durante

aqueles meses, assisti a telejornais com minha mãe como não havia feito em nenhum dos passados 16 anos. Também, é claro, assisti a mais filmes e séries que sabia que existia tempo para isso.

Digo isso, pois, é fato, estava imersa na realidade pandêmica. Eu sabia que não podia sair à rua, que pessoas estavam morrendo, que existia uma confusão política. Mas, mesmo assim, não posso dizer que entendia o que se passava, não havia racionalizado tais acontecimentos, estava incerta, desnorteada, talvez. E essa é uma sensação presente no decorrer de todos os meses.

Nessa conjuntura, já se sabia que nada, nem a escola, voltaria ao tão saudoso “normal”, e ajustes começavam a ser feitos. Assim, considerando que os alunos não podiam perder o contato com os estudos, as instituições de ensino deram início aos esboços do ensino a distância, pinceladas um tanto quanto inexperientes por minha parte.

A primeira semana de aula remota foi de ambientação, alunos e professores tinham de se reacostumar com o universo escolar, ou melhor, se adaptar à sua nova versão. Os docentes não dominavam a tecnologia, alguns mal entrosavam com o computador. Os discentes precisavam se despedir das férias e seus hábitos. Tarefa um tanto difícil, visto que, agora, lazer, descanso e estudos se reuniam todos no mesmo local: o nosso quarto.

Dessa forma, falhas foram todas as possíveis, não havia *script* para essa nova fase. Sendo sincera, os encontros *on-line* lembravam um “puxadinho”, uma construção feita com poucos recursos, às pressas e de fundação fraca, apenas para abrigar quem não tinha onde

ficar. Mas tudo bem, não era como se houvesse outra saída. E não duraria para sempre - achávamos.

Em poucas semanas, essa fase de tijolos e cimento passou, a adaptação estava quase completa e precisávamos levar as aulas da telinha a sério. Talvez, tenhamos levado a sério demais. Passamos de aula nenhuma para aulas, seminários e avaliações aos montes, em uma tentativa torta de compensar as lacunas deixadas pelo ensino remoto, a escola sufocou os alunos - me sufocou - com trabalhos, mesmo que desnecessários.

Lembro-me do desespero que senti quando a data das primeiras avaliações foi definida, eu mal havia assentado com as novas condições e agora tinha de pôr à prova o conhecimento que não sabia se tinha. A ansiedade me embrulhou o estômago como restaurante *drive-thru*, bem fechadinho. Felizmente, tudo correu bem. Infelizmente, esse ritual se repetiu a cada trimestre.

A verdade é que, durante a pandemia, tudo se repetiu. Todos os dias, semanas, meses, trimestres pareciam iguais, e não era um *déjà vu* gostoso, eram horas e horas de um filme chato, do qual o final eu já conhecia. Acordar, olhar para a tela do computador durante algumas horas, fazer trabalhos, descansar no celular. Cinco dias seguidos até sábado, sábado e domingo eram dias de passear, sair do quarto e trocar de tela, televisão na sala. Quatro vezes por mês, três vezes por trimestre e chegamos mais uma vez às provas.

Assim, eu me acostumei com as aulas, com os dias, os trabalhos e até com o nervosismo. Nada mais era novidade, e eu sabia que ia passar, sempre passava. Só não acabava, de abril a dezembro de 2020, tudo ficou tão

monótono, eu fiquei tão adormecida, que já não sentia o tempo passar, não sabia que tempo era. Até dezembro.

Eu sou brega e gosto de usar o último mês do ano para pensar tanto no ano que passou, quanto no que está por vir. Sobre o ano que havia passado, posso resumir as considerações com o esperado: um ano ruim. Já para o ano seguinte, usei com um pouco de esperança. Eu não achava que ia ficar tudo bem - não está tudo bem -, mas eu também não podia levar todo os ciclos ineficientes para o meu último ano.

Sim, eu estava indo para o terceiro ano do ensino médio, o mais aguardado e temido de todos. Normalmente (palavra até irônica a essa altura do campeonato), esses 12 meses já seriam acompanhados de diversas expectativas e inseguranças, mas na realidade pandêmica, isso se agravou.

Questões como o que eu iria cursar na faculdade, se iria fazer faculdade, se conseguiria entrar na faculdade, ficaram todas mais fortes, visto que eu não tinha de fato vivido o segundo ano para iniciar o terceiro. Além disso, eu já estava cansada do formato a distância e contava os dias para que acabasse.

Por tudo isso, e mais um pouco, decidi tentar fazer esse ano funcionar. Eu sabia que não seria ótimo, mas era o último que eu tinha, então, era a minha vez de fazer um puxadinho. Acontece que, ao longo dessa construção, alguns novos problemas foram descobertos, os alunos frutos das aulas *on-line* são carregados de inseguranças e desprovidos de limites claros de encerramento e de início.

Enquanto tentava lidar com as dúvidas e tarefas comuns de uma formanda, também me deparei com a constante sensação de que algo estava faltando. Diria até

que lembra o sentimento pré-avaliações, estou indo viver algo que não sei se estou pronta para viver. Tendo cursado dois terços do ensino médio de maneira remota, é inevitável pensar em tudo que deixei de experimentar e, por consequência, é impossível não sentir que, pelo menos por hora, alguns espaços vão ficar obrigatoriamente em branco.

Ainda não sei se eu e minha geração vamos conseguir recuperar tudo o que perdemos, se em algum momento vamos nos apropriar do fato de que cursamos um ensino médio mais que inédito e também não sei que jovens adultos iremos nos tornar - o que me causa medo. Mas tudo isso apenas irá ser respondido com o tempo, eu espero.

Por esse ano, torço para que tenha sido o suficiente, para mim e para os outros. Para que, da melhor forma possível, tenhamos construído nossos puxadinhos. E, por fim, por mais estranho que seja pensar que vai terminar, torço para que acabe logo e para que nós comecemos a nos acostumar de novo com uma nova realidade.

O preço da distância

Yasmin Figueiredo da Silva

Eu e minha família estávamos indo comemorar o aniversário da minha mãe e não pudemos. Nesse dia, começava o confinamento, mas, tudo bem, seriam apenas 15 dias. Nunca fui tão iludida na minha vida! Acreditei que a pandemia duraria apenas os dias que foram informados. Para falar a verdade, não tinha a menor noção da proporção que essa doença poderia tomar, que ela era tão séria, nem que traria tanta dor a mim e a várias outras pessoas pelo mundo.

Estamos indo para o terceiro ano de pandemia! O Brasil está vivendo o maior colapso sanitário e hospitalar de sua história! Isso tem me afetado bastante porque, além das transições normais da vida, o mundo está caótico. São mais de 600 mil mortes, independente de classe social, pessoas que talvez eu não conheça, mas que têm família, amigos, e isso é doloroso!

Trancados em casa, começamos a nos reinventar, fomos privados de algo tão importante pra mim, uma coisa tão simples: o toque. Sinto-me como no livro “a 5 passos de você”, no nosso caso, muito mais que cinco. Tem sido muito difícil lidar com todos os fatores, externos e internos, que a pandemia nos impõe: saudade, distância, ansiedade, máscaras por todo lado, aumento do desemprego e pobreza, medo, perdas, a mudança de alguns costumes, a desorganização da nossa rotina.

No lugar dos sorrisos, as máscaras, no lugar dos apertos de mãos, álcool em gel, no lugar dos abraços, temos o distanciamento. Todo o contato foi substituído pelo medo de perder parentes, amigos e conhecidos. As redes sociais tomaram muita força, afinal, é o nosso maior meio de comunicação, mas ela também virou lugar de desabafo, notícias tristes, notícias engraçadas, “memes”, discussões de todos os assuntos que se pode imaginar, lugar de fofocar, compartilhar coisas do cotidiano... O nosso contato passou a ser assim!

A pandemia me trouxe algumas perdas, dentre elas, uma que até dói escrever. Um dia, vi uma tia de consideração e fui falar com ela, sem contato e sem tirar a máscara. Arrendo-me um pouco disso, eu não sabia que aquela seria a última vez que a veria e falaria com ela. Um tempo depois, ela começou a se sentir mal e foi para o hospital, precisou ser entubada e passado um tempo, faleceu, nem pude me despedir.

Isso me magoou demais, ela tinha muitas expectativas com relação à política e nem viu nada, ela sempre honrava as pessoas no velório, cantava as músicas que essas pessoas gostavam. Na vez dela, poucas pessoas puderam ir ao enterro, ela era querida por muitas pessoas, então, organizaram um velório *on-line*, um culto de gratidão pela vida dela. Não chegou nem perto da metade do que ela merecia. Às vezes, é até difícil acreditar, eu não vi, eu não me despedi. Enfim, essa foi e tem sido a realidade de muitas pessoas.

Gosto muito de estudar e, embora eu tenha aprendido a lidar com o ensino a distância, não tem como comparar ao ensino presencial!!! Em casa, eu tenho estudado muito mais que antes, porque tem muita coisa

que não consigo entender e preciso ficar pesquisando, professores que passam trabalhos em excesso, é mais difícil se concentrar, e por aí vai.

A soma dessas coisas faz o estudo ficar muito cansativo e improdutivo. Às vezes, me sinto insuficiente e culpada por não conseguir manter a média e a rotina de estudos que tinha antes de tudo isso, mas estou tentando entender que é normal que as coisas nos afetem, somos humanos e estamos vivenciando múltiplas experiências. E não é só comigo, tenho certeza de que está difícil para todos! É lógico que o ensino médio de ninguém é como o do *“High School Musical”*, mas também não foi assim que imaginei!

Não sei quando ou como essa situação vai chegar ao fim, você que me lê no futuro, saberá melhor do que eu, mas, eu tenho esperança de que, em um futuro próximo, vamos vivenciar o “novo normal”, porque tenho a consciência que o “antigo normal” não voltará mais. Tenho a esperança de que as pessoas irão tomar jeito e respeitar mais os protocolos de saúde e, com a ajuda de Deus, isso chegará ao fim! Meu desejo é que as pessoas tenham aprendido algo com essa situação: a serem mais solidárias, empáticas, respeitosas, que aprendam a valorizar a família, os amigos, a escola, não custa nada sonhar.

Vencendo a Pandemia

Yuki Portes Almeida Ehms de Abreu

Uma pandemia se intrometeu e, com ela, veio o fim de diversos rituais (colocar o uniforme, andar até a escola, estar imerso na sala de aula), que – por não estarem presentes - minavam o hábito de estudar. Além disso, certos professores falaram que a competição do vestibular era injusta. É claro que tinham boas intenções ao dizer isso, entretanto, é inegável que tal ato desmotivou muitos alunos. Esse fator essencialmente pessimista se combinou com a informalidade das aulas *on-line*, criando um ambiente desanimador.

Felizmente, tive o privilégio de ter pesquisado sobre empregos muito antes de estar no terceiro ano do ensino médio pandêmico: apreendi os caminhos que podem ser seguidos e a importância do estudo para atingi-los. Assim, por mais que a mensagem do momento fosse “desista, você não tem chance”, eu tinha em mente que valia tentar. Afinal, já havia traçado um plano vocacional, isto é, tinha em mente o meu objetivo e, por mais que pudesse falhar, não desistiria de conquistá-lo.

Inclusive, gostaria de sublinhar o que acredito ser as principais razões da existência de alunos “vagabundos”: não conhecem suficientemente bem o universo do empreendedorismo ou do concurso público e, se o conhecem, não acreditam possuir o potencial de alcançar satisfação profissional. Digo isso, pois, observei diversos

alunos perguntarem – para certos professores – qual era a importância de determinada matéria e receberem como resposta “isso não fará diferença alguma em sua via, só importa na escola” ou até “serve pra dar aula pros outros”.

Ora, tais informações não poderiam estar mais equivocadas, quase todas as matérias escolares são importantes nos vestibulares e vantajosas para diversas atividades: quantas vezes me vi utilizando fórmulas de física ou matemática para programar um jogo, escrevendo um livro com maior facilidade graças a aulas de literatura, artes e português e quantas orientações sábias as aulas de filosofia, sociologia e história me deram! É evidente, a caminhada profissional e até o desenvolvimento pessoal são inseparáveis da educação: não há mudança de resultado sem mudança de ação, e não há mudança de ação sem mudança de pensamento, o que é justamente aquilo que a escola e o estudo autodidata deveria oferecer: a potencialização do estudante.

Mas, infelizmente, a maioria não sabe disso e acaba desistindo. Inclusive, vi alguns estudantes esforçados amolecerem no período da pandemia, ao verem suas notas caindo e a de coladores aumentando, questionando se o estudo era, de fato, vantajoso.

Entendo um pouco disso, pois, apesar de ter passado em algumas competições acadêmicas, já tive meus maus momentos. Mantive-me motivado, pois há, em minha classe, certos alunos cujas habilidades de assimilação e metacognição me inspiram até hoje. Quando eu via o estudo do Luiz, Vinícius, Cecília, Enzo... parecia mágica, eles simplesmente entendiam a matéria, e eu não. Confesso que era um pouco frustrante, no entanto, eu queria decifrar suas habilidades acadêmicas e, através de

algumas conversas, pude compreender algumas técnicas de estudo e isso me dava esperança.

Ter convivido durante anos com esses indivíduos me possibilitou ter uma visão diferenciada deles: ao contrário de uma parte do colégio que via suas habilidades como inalcançáveis, pude testemunhar seus pequenos erros, apreendendo que eram tão humanos quanto os demais. Se eu não tivesse me inspirado em suas técnicas e qualidades, não teria atualizado meus métodos de estudo e poderia ter caído no estilo de vida dos desmotivados.

Assim, por mais que a pandemia tenha me desmotivado – como fez com milhões de pessoas - estou acostumado com esse processo de inovação. Quando aparecem novos dez trabalhos no *Teams*, com vencimento no dia seguinte, dou uma respirada, penso em como superei as adversidades anteriores e me organizo para cumprir o prazo. Mantenho-me calmo, porque o estudo me ensinou a solucionar problemas. Não há problemática que resista ao pensamento consistente.

As autoras e os autores



sou um amorzinho.

Eu me chamo Ana Luísa, tenho 19 anos, e moro no interior da Bahia. Adoro ler, principalmente livros de romance, mitologia e fantasia. E, também, amo dançar e ouvir música. Como boa aquariana que sou, sempre gosto de ser sincera e muito curiosa. Dizem que sou fria, mas na verdade

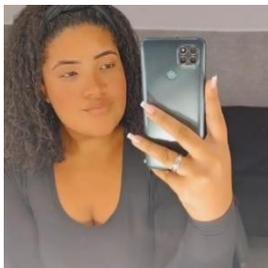


e meu olhar quanto a isso tudo. Me chamo Ana Clara de Andrade Silva, tenho 15 anos, moro em Cabo Frio, no Rio de Janeiro e estou no primeiro ano do ensino médio. Boa leitura para vocês!

Caro leitor,
Foi pensado em você, que também pode ter “enlouquecido” nesta pandemia, que escrevi minhas experiências e espero que quando estiver lendo este livro consiga se identificar com algumas das experiências relatadas. Torço para que se divirta lendo este livro que contará minhas histórias, minhas dificuldades



Me chamo Aisha, nascida em agosto de 2003, tenho 18 anos e, embora tenha origem potiguar, sempre vivi no Rio. Hoje, depois de formada no ensino médio, curso Design de Interiores na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e lido, agora no ensino superior, com as consequências das lacunas de aprendizagem, da baixa autoestima e das inseguranças causadas pelo período de ensino remoto.



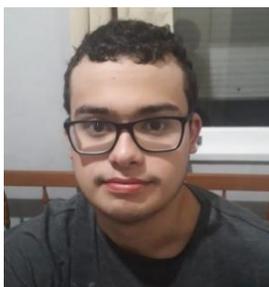
Me chamo Aysha Gabrielle, tenho 17 anos. Me tornei mãe faz alguns meses. Sou um pouco tímida, extrovertida e esforçada. Moro no Rio de Janeiro, e estou terminando o 3º ano do ensino médio, focando no Enem.



Sou Fernanda, tenho 30 anos e moro na cidade de Niterói, a qual nasci e fui criada. Sou estudante de Pedagogia na PUC Rio e escritora oficial há dois anos, depois da publicação dos meus trabalhos literários a nível nacional. Sempre gostei de ler e escrever, algo que na infância foi bastante desenvolvido com a leitura de contos e quadrinhos. No ensino médio, idealizei ser da área de educação e a pedagogia me conquistou definitivamente. Nas horas vagas, persisto a aprimorar a escrita, pois quero elaborar, em um futuro próximo, um livro de autoria própria.



Ilustrador, estudante de Design de Animação e formação técnica em Comunicação Visual, utiliza sua mente criativa e “bizarra” para criação de projetos. Começou a ler livros desde criança apesar de ter um interesse maior em mangás e HQ’s. Aos 12 iniciou o interesse em livros de ficção, aventura e distopia, tendo além de o hábito de leitura, gostar de música e jogar vídeo game. Tem o sonho de se tornar um dublador e poder trabalhar no mercado da arte, desde animações as mais variadas sketches iniciais de personagens. Guillermo Dutra



Meu nome é Henrique da Costa Coelho, tenho 16 anos e sou estudante do segundo ano do ensino médio. Sou carioca, já morei em São Paulo, mas hoje moro no Rio de Janeiro. Eu estudo inglês desde os dez anos de idade. Sou escoteiro. Eu estudo teatro porque sempre gostei de filmes e desenhos e quero fazer faculdade de cinema.



Isabela Silveira, 20 anos, me formei no IFRJ durante a pandemia, com técnico em biotecnologia. Fora a parte acadêmica, atuo como multiartista da zona oeste do Rio de Janeiro, me dedicando às artes visuais, dança e música.



Me chamo Isaias, tenho 17 anos e eu amei essa experiência de contar a minha vivência em um período de pandemia. Mas confesso que não foi fácil, pelo fato de que enquanto falava essa experiência, eu a vivia também. Mas, acredito que isso tornou mais leve essa experiência.



Olá, meu nome é Juliana Rayce, tenho 17 anos (18/06/2005), Nascimento: Aracaju (SE). Atualmente, sou estudante do ensino médio do Colégio Estadual Prof. Fernando Antônio Raja Gabaglia (RJ).



Lucas Oliveira tem 21 anos e iniciou sua graduação em Pedagogia em 2021, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 2022, resolveu dedicar-se a literatura infantil, sendo um apaixonado pela leitura dessa área.



Sou a Maiza Coelho de Brito, tenho 18 anos e me formei em magistério no Ciep Brizolão 179 no ano de 2021 e hoje atuo como professora de educação infantil na rede particular de ensino. Concluí o ensino médio com metade dele sendo de forma remota e sei o quão esse período foi prejudicial ao

aprendizado de todos, aqui conto um pouco de como foi esse processo de adaptação para mim



Meu nome é Mariana Ferreira, tenho 17 anos, sou estudante de escola pública e estou cursando o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Professor Fernando Antônio Raja Gabaglia, sou uma pessoa focada nos meus objetivos e a pandemia veio para me alertar e não deixar de viver, com isso comecei a focar em mim e no meu futuro. Atualmente, estou fazendo curso técnico em enfermagem e curso pré-vestibular para que meu sonho de ser independente se realize.



Olá! Meu nome é Marylian Mello Rodrigues de Souza, nasci no dia 21 de novembro de 2001. Sou cristã e moro com a minha família na Baixada Fluminense, Austin - Nova Iguaçu. Gosto muito de registrar as experiências que eu vivo. Amo livros de ficção, acredito que a ler nos faz visitar outros mundos. Gosto de assistir filmes e séries, ouvir música e de estar com a minha família. Me interesso pela área estrutural da educação, e penso que os fundamentos são essenciais para construirmos uma sociedade melhor, por esse motivo escolhi estudar Pedagogia na PUC-Rio. Espero um dia poder contribuir para a educação brasileira de forma significativa!



Carioca, feito de amor, nasceu num inverno, leonino suportável, ama paçoca, toma café-sem-açúcar, mas com muito afeto. Ama o Rio e todo seu caos, da Pavuna à Barra, professor que ama poesias e crônicas, aquela das bem-humoradas. Amo línguas e muitas linguagens, mas arte visual é a minha preferida. Alguém falou em botar as malas no fusca lá fora? Phelipe Esteves



Sou Raquel tenho 17 anos, moro na zona oeste do Rio de Janeiro há 6 anos, estudo na escola Estadual Fernando Antônio Raja Gabaglia, sou a filha mais velha dos meus pais e estou no último ano do Ensino Médio.



Sou o Samuel, tenho 17 anos, nasci no dia 08/12/2004, sou morador da zona oeste do Rio de Janeiro, estou cursando o 3ºano do ensino médio no C.E. Professor Fernando Antônio Raja Gabaglia



Nascida em Brasília-DF, no ano de 2003, me chamo Sofia Lins Moreira, sou filha de mãe recifense e pai carioca, passei a maior parte da minha infância em Macapá-AP, lugar pelo qual guardo muito carinho. Já na adolescência, me mudei para o Rio de Janeiro-RJ, onde moro até hoje. Posso dizer que, durante esses curtos 18 anos, já estive em contato com certa diversidade de realidades, às quais tive de me adaptar. No entanto, nenhuma delas foi tão desafiadora quanto a transformação do ensino como conhecíamos, presencial, em on-line. Hoje, depois de atravessar essa circunstância, estudo para alcançar o objetivo de cursar Direito em uma universidade pública.



Eu nasci no dia 22 de agosto de 2004, no Rio de Janeiro. Moro em Guaratiba. O ensino médio, cursei na Escola Estadual P. F. A. Raja Gabaglia e me formei em 2021. Hoje curso Letras/Libras-licenciatura na Uniasselvi de forma semipresencial. Eu gosto muito de ouvir música, tocar, cantar, ler, escrever, estudar, aprender (qualquer coisa) e conversar, ah, eu sou bem faladeira, amo falar em público!

Yasmin Figueiredo



Apresentar-se é definir-se, e não há melhor forma de fazê-lo que não seja através do próprio nome. Afinal, é para isso que servem os nomes. No entanto, entendo que isso não é o esperado. Por isso, opto por apresentar-me limitadamente como um humano brasileiro de 18 anos que publicou um livro de filosofia, compõe música clássica e escreve historinhas. Tudo, é claro, não passa de uma tentativa falha de alcançar o nível dos

filósofos, escritores e músicos que realmente importam. Se eu fosse outro artista ou escritor, eu promoveria uma obra minha, mas a verdade é que Kant, Bach e Poe são melhores formas de gastar o seu tempo. Yuki Portes



"Esta coletânea não tem a pretensão de representar toda a experiência escolar pandêmica, porém, possui o mérito de ter conseguido compilar sinceras e lúcidas respostas à provocação de suas organizadoras, sobre como esses jovens estudantes superaram o desafio de aprender em condições de isolamento social e afastamento do ambiente escolar. Pode-se dizer que, em algumas narrativas, expressa-se a sensação de que a pandemia roubou parte da experiência de ser adolescente."

Paulo Carrano

